

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

ÁGATA ROSALINA ERHART

**IDENTIDADES DESLOCADAS, CORPOS INSTÁVEIS: AS
REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO EM CONTOS
DE RUBEM FONSECA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2013

ÁGATA ROSALINA ERHART

**IDENTIDADES DESLOCADAS, CORPOS INSTÁVEIS: AS
REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO EM CONTOS
DE RUBEM FONSECA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2, do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Prof^a. Msc. Noemi Henriqueta Brandão de Perdigão.

CURITIBA

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba
Diretoria de Graduação e Educação Profissional – DIRGRAD
Coordenação de Letras
Licenciatura em Letras Português-Ingês



TERMO DE APROVAÇÃO

**IDENTIDADES DESLOCADAS, CORPOS INSTÁVEIS: AS REPRESENTAÇÕES
DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO EM CONTOS DE RUBEM FONSECA**

por

ÁGATA ROSALINA ERHART

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 23 de setembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

(Noemi Henriqueta Brandão de Perdigão)
Profª Orientadora

(Naira de Almeida Nascimento)
Membro titular

(Rogério de Almeida)
Membro titular

- O *Termo de Aprovação* assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Dedico este trabalho às minhas avós Ágata (*in memoriam*) e Rosalina, as duas meninas-mulheres que mal puderam frequentar a escola, porém, donas de imensa sabedoria, adquirida com a vida. Ambas me inspiram, diariamente, a aproveitar a oportunidade de estudar, sendo uma aluna dedicada e uma pesquisadora curiosa.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho significa uma conquista que eu provavelmente não teria alcançado sem a ajuda e a compreensão de pessoas importantes e especiais na minha vida acadêmica e pessoal.

Gostaria de agradecer, primeiramente, à Noemi, a melhor orientadora que eu poderia ter escolhido. Obrigada pela confiança que você depositou em mim durante esses meses de trabalho e por me incentivar a continuar estudando.

Professora Andréia, obrigada pela serenidade que você nos passou durante o processo da pesquisa, iniciado na disciplina do TCC I.

Professora Regina, sua atenção e seu carinho jamais serão esquecidos. Sou grata pela sua preocupação maternal e por você sempre ter perguntado como estava o desenvolvimento do nosso TCC.

Pai, mãe. Obrigada pelo apoio incondicional durante todo esse período de graduação. Vocês têm sido meu exemplo e meu porto seguro desde os meus primeiros anos de vida escolar. Obrigada pelos primeiros livros de histórias infantis que ganhei; foi assim que me tornei leitora. Agradeço, também, por vocês terem sempre priorizado os meus estudos e me ensinado a valorizar esse bem precioso.

Diego, obrigada pela paciência e pela compreensão durante esse período de recolhimento para leituras e escritas. Sou grata por você ter compartilhado comigo cada etapa da pesquisa. Você sempre estava presente: na escolha dos contos, no estudo da fundamentação teórica, nas análises, debatendo ideias comigo ou simplesmente ouvindo minhas tentativas e descobertas.

Obrigada aos amigos que de alguma forma me incentivaram, relatando suas próprias experiências com o Trabalho de Conclusão de Curso ou demonstrando curiosidade pela minha pesquisa. Gostaria de agradecer também a todos os colegas/amigos do curso com os quais eu divido essa fase importante e que compartilham comigo desse momento.

Um agradecimento muito especial ao corpo docente do curso de Letras. Cada professor, cada disciplina foi e continua sendo essencial para a minha formação, não somente como futura professora e pesquisadora, mas também como ser humano.

Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.

(GALEANO, Eduardo, 2011, p. 123)

RESUMO

ERHART, Ágata R. Identidades deslocadas, corpos instáveis: as representações do sujeito contemporâneo em contos de Rubem Fonseca. 2013. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Neste estudo, realizamos a análise de quatro contos do escritor brasileiro Rubem Fonseca. O trabalho foi desenvolvido a partir de um elemento central nos textos: a representação da identidade dos personagens a partir do retrato de seus corpos. Investigamos o papel da corporeidade e das relações interpessoais na constituição identitária dessas figuras ficcionais como representações de sujeitos contemporâneos. Utilizamos, para tanto, os escritos teóricos desenvolvidos por Foucault (1984; 1995), sobre o desenvolvimento histórico da noção de sujeito/indivíduo nas sociedades ocidentais. As proposições de Hall (2006) sobre o percurso do sujeito desde o início do período moderno até a atualidade também foram norteadoras. Finalmente, a conceituação de indivíduo e contemporaneidade e a relação entre identidade e corpo, apresentadas por Giddens (2002), complementam a fundamentação teórica. Esta pesquisa evidencia a importância da literatura de Fonseca no diálogo entre a arte literária e a sociedade brasileira das últimas décadas.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Sociedade contemporânea. Identidade. Corpo.

ABSTRACT

ERHART, Ágata R. Displaced identities, unstable bodies: the representations of the contemporary subjects in short stories of Rubem Fonseca. 2013. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

In this study, we carried out the analysis of four short stories of the Brazilian writer Rubem Fonseca. This research was developed from a central element in the texts: the representation of the identity of the characters from the picture of their bodies. We investigated the role of embodiment and interpersonal relationships in the identity construction of these fictional figures as representations of contemporary subjects. The first conceptual foundation was the writings developed by Foucault (1984, 1995) on the historical development of the notion of subject/individual in Western societies. The propositions of Hall (2006) on the route of the subject in the modern period to the present were also guiding. Finally, the concept of individual and contemporary and the relationship between identity and body, presented by Giddens (2002), complement the theoretical. This research highlights the importance of the literature of Fonseca in the dialogue between literary art and Brazilian society of the last decades.

Key-words: Brazilian literature. Contemporary society. Identity. Body.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 IDENTIDADE	12
2.1 A ORIGEM DO SUJEITO NO PENSAMENTO MODERNO	12
2.2 A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS	15
2.3 O PERCURSO DA IDENTIDADE.....	20
2.4 O PAPEL DO CORPO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	26
3 AS REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE.....	32
3.1 O GÊNERO CONTO NO BRASIL	33
3.2 UMA NOVA IDENTIDADE FEMININA.....	35
3.3 IDENTIDADE DE GÊNERO E ÉTICA.....	41
3.4 SEXUALIDADE, AMOR E AFETO NA CONTEMPORANEIDADE	48
3.5 A MANIPULAÇÃO DO CORPO.....	53
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXO A – Conto <i>Duzentos e vinte e cinco gramas</i>	65
ANEXO B – Conto <i>A opção</i>.....	71
ANEXO C – Conto <i>Família</i>	78
ANEXO D – Conto <i>Gordos e magros</i>.....	83

INTRODUÇÃO

José Rubem Fonseca, escritor mineiro radicado na cidade do Rio de Janeiro, estreou a carreira literária em 1963, com o livro de contos *Os prisioneiros*. A primeira obra do autor foi bem recebida pela crítica da época que considerou Fonseca um nome promissor para a literatura brasileira. Inclusive, ele foi colocado ao lado de Dalton Trevisan, por Bosi (1977, p. 17), no tratamento objetivo da linguagem e na temática relacionada ao cotidiano urbano. Além disso, o crítico denominou a corrente iniciada por autores como Fonseca, nos anos 1960, de “brutalista” (1977, p. 18). Segundo Bosi, o Brasil passava por um período conturbado, de fortalecimento do capitalismo, urbanização e modernização das cidades e do desenvolvimento do regime militar; todos esses fatores influenciaram as produções literárias da época, nas quais se buscava retratar a instabilidade social que atingia desde as massas proletárias até a burguesia dominante. Nesse sentido, Rubem Fonseca caracteriza-se pela habilidade e ecletismo na abordagem ficcional de diversos estratos sociais. Seus contos, especificamente, apresentam desde os conflitos de personagens da alta sociedade, até as vicissitudes dos personagens pertencentes ao mundo suburbano das metrópoles. Ainda, a composição narrativa de Fonseca, objetiva e crua, destaca e intensifica as mazelas representadas em suas obras. Há variados retratos humanos e todos eles são, de alguma forma, marginalizados, não necessariamente ou unicamente devido à posição social que ocupam; estar à margem, nas obras fONSEQUIANAS, é estar deslocado no mundo, em um espaço desconfortável em relação a si e em relação aos outros.

Os contos de Rubem Fonseca, tanto os escritos na década de 60, 70, 80 e 90, quanto os mais recentes, produzidos já no século XXI, apresentam densidade estética e temática, o que nos estimula a realizar, nesse trabalho, uma investigação sobre obras do autor. Motiva-nos, nessa pesquisa, essencialmente, o modo pelo qual os personagens de Fonseca são desenvolvidos e, conseqüentemente, o desenrolar das situações narrativas, o contexto sócio-histórico em que estão inseridas e as reflexões proporcionadas por essas leituras que até hoje dialogam com nossa realidade. Esses personagens, como comentado anteriormente, realizam um percurso por vezes solitário e excludente, “(...) praticam e sofrem as relações de uma nova situação brasileira e, no caso, especificamente carioca, terminando por flagrar a mudança de comportamento de nossa vida social.” (VIDAL, 2000, p. 15)

Como bem aponta Vidal (2000), Rubem Fonseca não foi o único a direcionar sua produção literária para essas questões, pois outros escritores também abordaram o tema; porém, Fonseca desenvolveu um estilo bastante próprio que o torna um dos contistas mais relevantes das últimas décadas, no Brasil. Sua literatura não foi significativa somente naquele tempo, ela permanece instigante em suas dimensões formal e temática ainda em nosso contexto social contemporâneo; indo além, pode-se afirmar que a prosa fonssequiana apresenta novos contornos sob os olhares atuais.

Por conseguinte, neste trabalho, propomo-nos à análise de quatro contos de Rubem Fonseca, dentre os quais: *Duzentos e vinte e cinco gramas* (1963); *A opção* (1965); *Família* (1997) e *Gordos e magros* (2011). Interessa-nos compreender a constituição identitária dos personagens, questão contundente na contemporaneidade, devido às recentes e constantes rupturas de paradigmas e aos questionamentos em torno da vida social dos seres humanos.

Baumeister (1987) realiza uma revisão histórica do eu na história ocidental e afirma que a identidade tornou-se um problema moderno, pois as sociedades antigas e medievais não realizavam a cisão entre o indivíduo e o grupo social. A consciência da individualidade começou com os primeiros passos da modernidade, entre os séculos XVI e XVIII. Depois desse período, o tema ganhou ainda mais importância: durante o século XIX, houve uma busca pelo auto-conhecimento, pela auto-definição e pelo sentimento de completude individual. O ser humano acreditava que sua identidade correspondia à personalidade, que sua vida estava pré-destinada e cada pessoa deveria descobrir sua tarefa no mundo. No século XX, mais fatores tornaram-se parâmetros para definição da identidade, como a posição econômica, as habilidades pessoais, a personalidade e, sob influência das teorias freudianas, o ser humano tornou-se consciente da dificuldade de conhecer-se integralmente e ter uma identidade fixa e completa.

O artigo de Baumeister foi escrito ainda antes do início do século XXI, entretanto, teóricos contemporâneos endossam mais mudanças no conceito de eu e identidade, atualmente. Portanto, neste trabalho, propomos a discussão acerca da existência de uma nova noção de identidade, vinculada ao advento do período moderno e intensificada na contemporaneidade ou, utilizando o conceito de Hall (2006), na modernidade tardia. Realizaremos a investigação da identidade das figuras ficcionais por intermédio da representação de suas corporeidades, nas

narrativas. Acreditamos que o corpo exerce um papel essencial nas transformações do conceito de identidade. As análises serão desenvolvidas na investigação de como esse elemento, ao mesmo tempo concreto e social, contribui e influencia na caracterização dos personagens e nas relações interpessoais. A aparência física, a postura desses personagens e as situações pelas quais passam serão objetos de análise, tendo como fundamento a ideia de que os sujeitos contemporâneos encontram-se em um momento histórico no qual as certezas sobre seus papéis na sociedade estão diluídas, inclusive no que se refere à função de seus corpos.

No primeiro capítulo, discutimos a noção de identidade partindo da contribuição de Foucault (1984; 1995) sobre o surgimento da ideia de indivíduo, no início da Idade Moderna. Ainda, explicitamos o conceito de identidade, e seus desdobramentos na modernidade tardia, proposto por Hall (2006). Em seguida, aprofundamos o tema com a teoria de Giddens (2002), que explica o percurso histórico do conceito de identidade, relaciona-o ao contexto social contemporâneo e apresenta a conexão entre identidade e corpo.

No segundo capítulo, fazemos um breve resumo das obras analisadas e um panorama do gênero conto no Brasil. Então, propomos uma análise dos textos, realizando a articulação entre a fundamentação teórica e os elementos narrativos.

Nas considerações finais, aprofundamos a reflexão e a articulação entre os conceitos trabalhados no decorrer desta pesquisa e as narrativas analisadas, demonstrando alguns pontos de contato e as diferenças entre elas.

2 IDENTIDADE

Neste capítulo, discorreremos sobre os conceitos norteadores para a análise das obras literárias selecionadas neste estudo. Primeiramente, apresentamos em que momento do percurso histórico ocidental a questão da individualidade, como compreendemos atualmente, tornou-se central para a vida humana. Em seguida, explanamos as noções de sujeito, identidade e modernidade propostas por Hall (2006) na esteira do campo de análise dos Estudos Culturais. O conceito de identidade, seus desdobramentos e a importância da corporeidade na construção identitária serão explicitadas a partir da teoria social de Giddens (2002).

2.1 A ORIGEM DO SUJEITO NO PENSAMENTO MODERNO

Os estudos de Michel Foucault, historiador e filósofo francês, indicam uma importante reflexão sobre a constituição dos sujeitos. Como Hall (2006) explicita, a contribuição do autor foi uma das mais importantes do século XX, pois ao enfatizar o papel do poder disciplinar como técnica central do controle e vigilância de grupos populacionais e do indivíduo e seu corpo, Foucault propôs caminhos para a discussão sobre o fenômeno da identidade no período moderno.

Em sua obra *Vigiar e punir* (1984), o filósofo francês propõe-se a realizar uma análise da estrutura judiciária moderna e do poder prisional revisitando o passado histórico e as transformações conjunturais desse sistema. Apesar de esse assunto não se configurar como de interesse à nossa pesquisa, diversos conceitos utilizados e desenvolvidos na referida obra nos são de fundamental importância. Quando Foucault (1984) afirma que, com o advento da modernidade, os criminosos passaram a ter seus corpos e almas sob julgamento e punição, compreendemos de que modo os sujeitos passaram a ser cada vez mais individualizados mesmo em um contexto ainda marcado pela coletividade. A partir do momento em que o direito incorporou à sua prática outros saberes científicos, como a psiquiatria, por exemplo, o poder de julgar dispersou-se por diversas instâncias, não sendo mais somente responsabilidade do juiz; o ato do julgamento passou a ser de interesse de todos os envolvidos nessa nova estrutura em que esses saberes diversos estavam sendo solicitados. Mas em que as mudanças do sistema penitenciário influenciam no

surgimento de um sujeito individualizado? Foucault (1984) argumenta que, desde então, não se julga apenas o crime, o criminoso, e se delega uma punição: agora, investiga-se a “alma” do condenado; analisam-se as motivações que o levaram a cometer o delito, busca-se prever e prevenir a repetição de tal conduta; leva-se em consideração a possibilidade de ele ser um louco, um doente, e luta-se para uma normalização desse indivíduo. Por “alma” o teórico francês entende que seja diferente do conceito desenvolvido pelo pensamento religioso. Essa alma

“[...] não nasce faltosa e merecedora de castigo, mas nasce antes de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação. Esta alma real e incorpórea não é absolutamente substância; é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder e a referência de um saber dão lugar a um saber possível e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder. [...] O homem de que nos falamos e que nos convidamos a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma ‘alma’ o habita e o leva a existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, a prisão do corpo.” (FOUCAULT, 1984, p. 29)

Percebemos, então, que o sistema judiciário e o modelo penitenciário utilizam-se de procedimentos, também comuns a outras instituições, que controlam e vigiam os sujeitos. Essa alma, desde que efeito e instrumento dessa conjuntura, distingue um ser humano do outro, submetendo-o e caracterizando-o como um indivíduo.

No ensaio *O sujeito e o poder*, Foucault (1995) esclarece que o objetivo central das pesquisas que desenvolveu era compreender e explorar os principais mecanismos de sujeição pelos quais os seres humanos passaram até se tornarem sujeitos. Segundo o filósofo, há três meios de sujeição: a ciência, as divisões que categorizam os indivíduos e, por último, a sexualidade. O poder constituiu-se, nessa investigação sobre o sujeito, como um conceito teórico e prático, o qual o estudioso considerou que precisava ser revisto e reavaliado a partir de situações empíricas da sociedade. Assim, ao invés de utilizar o termo poder, Foucault denomina o fenômeno de relações de poder. Segundo o teórico, essas relações permeiam os mecanismos de sujeição e revelam sua oposição: onde há relações de poder, há movimentos de resistência. O filósofo elenca uma série de lutas contemporâneas que representam essa resistência, como os conflitos entre homens e mulheres, pais e filhos, a tensão entre o psiquiatra e o paciente; o saber médico e a população. De

acordo com ele, a característica mais marcante desses embates é o questionamento que os envolve:

Finalmente, todas essas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos nós? Elas são uma recusa a estas abstrações, do estado de violência econômico e ideológico, que ignora quem somos individualmente, e também uma recusa de uma investigação científica ou administrativa que determina quem somos. Em suma, o principal objetivo dessas lutas é atacar não tanto “tal ou tal” instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder. Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o a sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (FOUCAULT, 1995, p. 235.)

Podemos depreender, do trecho acima, que a turbulência que envolve a constituição dos indivíduos contemporâneos, já flagrante na década de 80, é consequência de um processo conflituoso entre relações de poder que demonstram a crise do elemento central desta pesquisa: a identidade. Tornou-se insurgente a insatisfação de diversos grupos que passaram a reivindicar, no século XX, não somente que os aspectos específicos da individualidade fossem respeitados e reconhecidos, mas também que a subjetividade não fosse aprisionada por regras de conduta e alienada da vida social caso não correspondesse aos parâmetros de normalidade. De acordo com Foucault (1995), apesar de ainda presentes na contemporaneidade, eram mais comuns, no século XIX, revoltas contra as dominações étnicas, religiosas e contra a exploração do trabalho. Contudo, a reivindicação mais forte atualmente é contra a opressão da subjetividade, em outras palavras, contra a sujeição. Isso se deve, segundo o historiador, à estruturação do Estado, ocorrida no século XVI, que se organizou como um sistema bastante complexo de individualização e concomitante coletivização, utilizando-se de técnicas e procedimentos de um poder precedente, o poder pastoral. Esse poder visava à salvação dos fiéis cristãos na vida espiritual. Para tanto, os religiosos acompanhavam e ajudavam cada indivíduo que compunha a comunidade, buscando conhecer e controlar suas mentes e almas. Foucault (1995) assevera que, apesar desse poder ter-se diluído com o passar do tempo, sua função e suas técnicas se espalharam e se fortaleceram no sistema do Estado que, por sua vez, opera um

processo de individualização bastante específico e, tal poder, ao contrário do que se acredita no senso comum, está completamente incorporado à sociedade, e não acima dela. O maior interesse dessa nova máquina política é assegurar o bem-estar físico, a segurança e a organização social. Além disso, houve o fortalecimento das instituições públicas e privadas, como a polícia, a família e os hospitais, transformados em agentes administrativos das populações. Ainda, a construção dos saberes sobre o homem configurou-se como mais um fenômeno do desenvolvimento do Estado e agiu para conformar os dois pólos anteriormente citados: o global e o individual.

Citando Kant e um de seus textos, Foucault defende que, se no contexto de escritura do ensaio, no século XVII, o filósofo alemão enfocava a investigação do ser da época e a compreensão de sua condição, hoje, o que se faz é uma recusa ao que somos, à maneira pela qual fomos constituídos nas relações de poder pertencentes aos aparelhos do Estado. Ele advoga, ainda que “Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos.” (FOUCAULT, 1995, p. 239)

Ao discorrer sobre o poder, Foucault (1995) indica sua noção do conceito. Ele trata de um poder inscrito em um campo de relações e ações entre sujeitos. Essa relação de poder está inter-relacionada a “relações de comunicação” e “capacidades objetivas”. Basicamente, aquelas representam a transmissão de informações por meio de sistemas simbólicos e este é caracterizado pela possibilidade de o ser humano modificar instrumentos e utilizá-los de modo habilidoso. Essas três esferas compõem juntas, porém de modo não-uniforme, “blocos” denominados pelo filósofo de “disciplinas”. A sistematização cada vez mais lógica e calculista desses três parâmetros configura o que o teórico entende pela disciplinarização das sociedades européias a partir do século XVIII, que buscava potencializar a utilidade do sujeito e promover a docilização de seu corpo.

2.2 A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS

O sociólogo e crítico jamaicano Stuart Hall é reconhecido atualmente como um dos mais importantes pensadores da teoria cultural britânica. Tendo migrado para a Inglaterra em 1951, ele iniciou seus estudos acadêmicos em teoria literária, área que o motivou a compreender melhor as questões históricas e sociais

relacionadas à literatura. Em 1964, foi convidado para participar de uma linha de pesquisa transdisciplinar conhecida desde seu início, no mesmo ano, como Estudos Culturais¹, fundada por Richard Hoggart e endossada pelas pesquisas de Raymond Williams e Edward Palmer Thompson. De acordo com Escosteguy (2005), o grupo se propôs a estudar a relação entre práticas culturais e as camadas sociais mais baixas da Inglaterra. A teoria marxista foi re-analisada e reinterpretada pelos pesquisadores, os quais expandiram e descentraram o conceito de cultura dominante à época. “Em consequência, a cultura popular alcança legitimidade, transformando-se num lugar de atividade crítica e de intervenção.” (ESCOSTEGUY, 2005, p. 157). Nesse contexto, Stuart Hall exerceu contribuições significativas, mantendo a atividade do grupo e aprofundando as discussões relativas à mídia, comunicação, ideologia e identidade cultural. Inclusive, conforme afirma Crisafi (2000), as noções de Michel Foucault sobre o poder, o saber e o discurso foram basilares para o desenvolvimento do trabalho do teórico caribenho.

Devido às reflexões substanciais sobre a contemporaneidade e à sua afiliação teórica com Foucault, nos basearemos na noção de identidade desenvolvida por Hall (2006). De acordo com o autor, o período moderno ocasionou um processo de mudanças nas estruturas sociais, provocando uma crise na noção tradicional de identidade. Assim, termos como “deslocamento”, “fragmentação” e “descentramento” são utilizados pelo sociólogo a fim de qualificar o conceito de identidade na modernidade tardia². Porém, Hall (2006) aponta que essa noção é recente e vem sendo intensamente discutida pela teoria social, devendo ser, portanto, considerada em sua complexidade, evitando-se conclusões definitivas. Por conseguinte, a identidade será empregada, neste trabalho, como conceito dinâmico, apesar da existência de alguns parâmetros para sua caracterização.

¹ Os Estudos Culturais são compostos de campos de pesquisa múltiplos de abrangência global. Sua constituição é questionada e criticada por alguns autores. Contudo, sem ignorarmos a existência de controvérsias, nos limitaremos a apresentar um breve panorama da disciplina, a título de localização da obra de Stuart Hall.

² Há controvérsias, no campo sociológico, com relação aos vocábulos que nomeiam o período histórico conhecido como contemporâneo, pois eles também expressam diferenças de perspectiva. Alguns autores utilizam “pós-moderno” para indicar uma ruptura. Outros teóricos intitulam essa fase de “modernidade tardia” como Hall (2006) ou “alta modernidade” como Giddens (1991; 2002), porque consideram a questão de um modo dialético. Por não ser objetivo deste trabalho discutir o conceito subjacente a esses termos, empregaremos a primeira denominação por ser utilizadas por Hall (2006), e a última por ser empregada como sinonímia por Giddens (2002).

Segundo o teórico, até a metade do século XX, os papéis identitários dos indivíduos, no que se referia à posição social, à sexualidade, ao gênero, à etnia, estavam bem delineados socialmente, o que proporcionava uma sensação de estabilidade aos sujeitos. Porém, desse período em diante, a relativa rigidez dessas concepções foi afetada pelas mudanças históricas concernentes à contemporaneidade, as quais explicitaremos, mais à frente. As incertezas de uma nova conjuntura social colocaram em destaque o conceito de identidade que passou a representar o cerne da crise do ser humano consigo mesmo e com a sociedade em que vive. Para compreendermos melhor a origem dessa crise de identidade, é preciso revisitar as concepções do indivíduo em períodos históricos precedentes.

Hall (2006) adverte que a afirmação de que a identidade do sujeito contemporâneo está passando por um período de fragmentação e descentramento é somente um meio de encaminhar a discussão e não dispensa uma análise mais detalhada. Todavia, a fim de propiciar uma reflexão sobre o tema, ele propõe três momentos marcantes para a compreensão desse fenômeno a serem explicitados a seguir.

O autor assevera que, mesmo antes da modernidade, já havia noções de indivíduo e individualidade essas, porém, modificadas a partir do Renascimento, no século XVI, e em constante transformação até o Iluminismo do século XVII. A transição do feudalismo para o capitalismo e a supervalorização do ser humano³ como ser central no universo relativo ao pensamento renascentista aliado ao declínio dos valores religiosos e à exaltação de premissas científicas e racionalistas da corrente iluminista fizeram emergir uma concepção essencialista de indivíduo, cuja identidade era sempre a mesma e da qual se tinha plena consciência e controle. Ainda, Descartes faz uma distinção, em sua filosofia, entre matéria e mente e defende que o sujeito existe por meio de sua capacidade de pensar. Sob essas circunstâncias, localizamos o sujeito do Iluminismo, centrado, integrado, imutável; edificado por uma concepção antropocêntrica do ser humano. Além disso, segundo afirma o sociólogo, ele se torna ao mesmo tempo sujeito ativo da modernidade e sujeito às mudanças, ou seja, o sujeito do qual fala Foucault (1995).

³ Conforme Hall (2006), os valores renascentistas exaltavam o indivíduo "Homem" devido à sociedade essencialmente masculina.

Os processos de expansão e estabilização das transformações econômicas e sociais da modernidade coletivizaram a vida dos sujeitos, segundo Hall (2006). A sociedade, antes feudal, organizou-se em estados-nação, os quais influenciaram a constituição de grupos com cultura e idioma próprios, proporcionando a identificação dos indivíduos com um coletivo.

O processo de industrialização, a ascendência do capitalismo e a constituição de novas classes contribuíram para a formação do sujeito sociológico. Sob a influência de dois eventos, ele tornou-se produto de sua cultura e de suas atividades interativas, sendo vinculado às estruturas sociais. Um desses acontecimentos foi a biologia de Darwin, a qual enfocou a mente por uma perspectiva orgânica: a atividade racional como premissa de aperfeiçoamento do cérebro. O outro fator foi o surgimento das ciências sociais divididas em duas perspectivas, ainda influenciadas pelo dualismo cartesiano: a psicologia e a sociologia. O objeto de estudo da primeira sendo a mente e o da segunda o sujeito inserido em um grupo. Houve linhas sociológicas que desenvolveram uma crítica ao sujeito cartesiano, relacionando-o, agora, aos seus papéis na sociedade. Porém, Hall (2006) explica ser possível afirmar que o pensamento sociológico também promoveu uma visão dualista do ser humano ao internalizar sua atividade externa e externalizar sua dimensão interna. Em outras palavras, demandou-se do sujeito que sua essência fosse modelada às situações sociais, ao mesmo tempo em que esses lugares na sociedade cumpriam a função de constituição do indivíduo, garantindo-lhe uma relativa estabilidade identitária. Temos, até aqui, duas concepções de identidade anteriores à noção contemporânea.

O sujeito pós-moderno surge, então, como consequência dos questionamentos em torno do sujeito sociológico. O indivíduo não possui mais a referência de uma identidade integrada, completa e estável, pois “[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis [...]” (HALL, 2006, p. 13). De acordo com o teórico, o Modernismo, movimento cultural e estético, irrompido logo no início do século XX, foi decisivo para os questionamentos que viriam a desconstruir definitivamente o sujeito cartesiano e abalar as certezas referentes ao sujeito sociológico. Na literatura, por exemplo, diversos escritores modernos, como Baudelaire, retrataram, através de seus personagens, o ser humano em uma condição alienante e desagregadora em

meio à solidão da metrópole, antevendo o momento de fragmentação e descentramento da unidade identitária dos sujeitos.

Para Hall (2006), houve cinco contribuições teóricas fundamentais para a instalação da crise do indivíduo moderno. A primeira delas foi o declínio da noção universalista e essencialista de ser humano, a partir de releituras de Marx, realizadas no anos 1960. A segunda influência, originada do trabalho inicial de Freud e ampliada por Lacan, diz respeito à descoberta de processos inconscientes e inerentes ao sujeito, levando assim à negação do indivíduo integral, consciente e completo e à afirmação de sujeitos em constante formação a partir de seus processos psíquicos e em relação com a figura do outro. A teoria linguística de Saussure caracteriza-se como a terceira contribuição significativa para o processo, devido à concepção de língua como um sistema pré-existente e formado socialmente, portanto, não-individual. O pensamento de Foucault concernente ao papel do poder disciplinar na individualização dos sujeitos, supracitado, corresponde à quarta contribuição. Finalmente, o feminismo representa a quinta influência imprescindível nesse período de grandes mudanças marcado pelo início da contemporaneidade, nos anos 60 do século XX. As pessoas engajadas nesse movimento lutaram não somente pela liberdade e pela conquista dos direitos das mulheres, mas também se insurgiram contra uma estrutura homogeneizante. Assim, passaram a defender as subjetividades de cada grupo, o que ficou conhecido com política de identidade, ou seja, defendiam a identidade feminina, dos homossexuais, dos negros, dentre outros grupos subjugados. Conforme afirmação de Hall (2006), a partir desse combate contra as categorizações e classificações fortemente presentes na modernidade, o movimento feminista demonstrou que também buscava desestruturar as antigas noções de sujeito, introduzindo a identidade como questão vital à constituição subjetiva do indivíduo.

Para melhor compreensão desse fenômeno de fragmentação e descentramento da identidade, reproduzimos um exemplo apresentado pelo sociólogo. O caso ocorreu há mais de vinte anos no governo do presidente George H. W. Bush que, buscando restabelecer a prática conservadora da Suprema Corte indicara Clarence Thomas, um juiz negro conservador. A partir desse fato, Hall (2006) demonstra como a identidade do candidato era vista dependendo da perspectiva pela qual se observava: homens brancos e conservadores provavelmente simpatizavam com a ideologia política e o gênero de Thomas, mas

não com o fato de ele ser negro. Já os homens negros liberais poderiam ficar confusos quanto ao conservadorismo do juiz, contudo, certamente apreciavam sua condição étnica. Após ser acusado de estupro, o indicado do presidente despertou a antipatia das mulheres feministas, sem deixar de confundir a opinião das mulheres negras que poderiam se identificar com ele devido à cor da pele.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*. (HALL, 2006, p. 21)

A partir desse exemplo, podemos reconhecer o caráter múltiplo e contraditório das identidades pós-modernas. Todas essas transformações configuram-se como reflexos de um fenômeno típico da modernidade tardia: a globalização⁴, fonte de descontinuidade e descentramento dos núcleos de poder que caracterizam uma sociedade em constante mutação.

2.3 O PERCURSO DA IDENTIDADE

Ainda sobre a conceituação de identidade, faz-se imprescindível a contribuição do sociólogo britânico Anthony Giddens (2002), que propõe discussões sobre a identidade moderna, levando em consideração tanto a dimensão social quanto a individual. O autor defende que as duas esferas são significativas para a construção da sociedade e precisam ser analisadas. Portanto, o trabalho de Giddens complementar e aprofundará as reflexões supracitadas.

O sociólogo afirma, da mesma forma que Hall (2006), que o início da sociedade moderna está marcado por eventos como o declínio do feudalismo, o surgimento dos estados-nação, a ascensão do capitalismo e o desenvolvimento maciço da industrialização. “Neste livro emprego o termo ‘modernidade’ num sentido muito geral para referir-me às instituições e modos de comportamento estabelecidos

⁴ Apesar de também apresentar uma caracterização complexa, a globalização pode ser identificada, como afirma Giddens (1991), principalmente pela mudança de paradigmas de tempo e espaço (relações mundiais) e o surgimento de uma tensão entre o global e o local que geram descontinuidades.

pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto.” (GIDDENS, 2002, p. 21)

Existem diferenças substanciais entre o modelo social da Idade Média e o da Idade Moderna. O espaço territorial na sociedade pré-moderna era dividido em feudos cuja responsabilidade recaía sobre os senhores feudais. Eles eram representantes da nobreza que haviam recebido as terras do rei, ou de outro nobre, e poderiam usufruir delas instituindo uma relação de dependência com camponeses os quais, nesse caso, tornavam-se servos. Desenvolveu-se, então, uma estrutura social sólida, condicionada pelas relações de consangüinidade, nas quais havia ínfimas possibilidades de transição entre os estratos sociais, compostos basicamente por clero, nobreza e servos. Devido à crise do feudalismo, gerada principalmente pelas dívidas de guerra dos senhores feudais, essa dinâmica modificou-se. O poder, que havia se diluído gradualmente pelos feudos, voltou a ser concentrado na figura monárquica e iniciou-se a formação das cidades. Houve o fortalecimento de um grupo social conhecido como burguesia (artesãos e comerciantes) que, aos poucos, conseguiram enfraquecer o *status quo* da época, ascendendo socialmente por meio do poder econômico. Porém, o absolutismo monárquico ainda representava um empecilho. As teorias antropocêntricas, o advento das revoluções burguesa e industrial e o desenvolvimento do capitalismo diluíram definitivamente o sistema feudal, colocando o indivíduo burguês e seus valores no centro da história. Esses processos resultaram na formação de novas relações sociais, baseadas essencialmente na tensão entre as classes burguesa e proletária.

Conforme Giddens (2002), as transformações decorrentes da transição da sociedade tradicional para a moderna provocaram mudanças também na percepção individual da trajetória da vida. Ele enfatiza o dinamismo das sociedades pós-tradicionais que se modifica de forma mais ampla, rápida e complexa devido a três fatores: a separação de tempo e espaço, o desencaixe das instituições sociais e a reflexividade institucional. O primeiro fator incide em uma nova vivência do tempo, o qual tende a se esvaziar e perder sua referência em um lugar ou situação específica. O desencaixe das instituições, fenômeno resultante da descontinuidade entre tempo e espaço nas relações sociais, apresenta dois mecanismos: fichas simbólicas (o

dinheiro, por exemplo) e os sistemas especializados,⁵ os quais se referem a conhecimentos técnicos elaborados (e reelaborados) por profissionais, incorporados pelos indivíduos leigos e difundidos por toda a vida social. Alguns exemplos a medicina, a psicologia, a sociologia. Nesse trabalho, os sistemas especializados configuram-se como o mecanismo de desençaixe mais importante, pois representam os saberes tecnológicos e científicos que funcionam como as bases da segurança ontológica do sujeito moderno, atuando de modo semelhante à tradição, nas sociedades pré-modernas. Finalmente, a reflexividade enfatiza a volubilidade das práticas sociais que se desenrolam sob constantes revisões e reelaborações do conhecimento e influenciam, inclusive, no percurso dos sistemas especialistas. O conceito da reflexividade manifesta a inconsistência pela qual o pensamento iluminista é visto nas organizações modernas, pois a expectativa de uma racionalidade absoluta, que poderia eliminar as incertezas da vida, enfraquece-se diante desse fenômeno de avaliação cíclica da vida. Além disso, “as afirmações da razão deveriam superar os dogmas da tradição, oferecendo uma sensação de certeza em lugar do caráter arbitrário do hábito e do costume.” (GIDDENS, 2002, p. 26). Compreendemos, portanto, que os conhecimentos especializados e a reflexividade articulam-se em um processo de retroalimentação.

Ainda, sobre os sistemas especializados, o sociólogo apresenta o conceito de confiança. Segundo ele, essa noção expressa a crença que os sujeitos modernos depositam nos saberes científicos, a fim de tomá-los como os guias para suas ações. Tal confiança nem sempre é consciente, visto que se encontra envolvida pela dinâmica da reflexividade.

O espaço para a dúvida e a suspensão dos valores tradicionais contribuem, segundo o autor, para a crise existencial dos indivíduos comuns. Resta a eles, portanto, enfrentar as adversidades da vida, as quais não podem ser controladas e conhecidas pelo exercício da razão. Assim, o sociólogo apresenta o conceito de risco, que significa, basicamente, a incerteza com relação aos acontecimentos concretos da vida, que podem ser positivos ou negativos. De acordo com o teórico, os sujeitos precisam continuar suas trajetórias pessoais, mesmo sob as questões que os assolam, realizando, ainda, um exercício de previsão sobre eventos

⁵ O termo será retomado durante o trabalho também a partir dos sinônimos “conhecimentos especializados” e “sistemas especialistas”.

possíveis que podem ocorrer a eles. Apesar das incertezas, os indivíduos encontram um campo muito maior de opções na ordem social moderna, podendo escolher como viverão, porém, sempre sob as circunstâncias dos riscos.

Giddens (2002) destaca, também, que a vida humana sempre foi arriscada; contudo, a diferença do risco moderno é a distribuição relativamente equilibrada dos conhecimentos especializados que, além de disponíveis aos interessados, tendem a se especializar cada vez mais, estreitando o entendimento das questões periféricas. Esses conhecimentos, por serem restritos e móveis, apesar da complexidade que alcançam, impedem os indivíduos de visualizarem a abrangência das consequências de suas escolhas e ações ou de preverem obstáculos indesejados.

No centro da questão entre o global e o local, o autor localiza o eu, a dimensão pessoal, em relação com os aspectos mais amplos da sociedade. O indivíduo da alta modernidade vivencia ansiedades diferentes de seus antepassados, porque seu eu é constituído agora por um projeto reflexivo, resultante da reflexividade moderna. O indivíduo, despido das influências tradicionais, precisa construir seu eu e vincular suas mudanças pessoais às transições sociais, diferentemente do indivíduo da ordem tradicional que tinha a identidade bem marcada pelos ritos de passagem comuns ao grupo no qual estava inserido.

Conforme o autor explica, o ser humano caracteriza-se pelo desejo de saber quem é, compreender o que faz e porque faz. Ele avalia, nem sempre de forma consciente, suas ações e seu comportamento para justificar e dar sentido ao percurso de sua vida.

Desde a infância, o indivíduo responde basicamente a quatro questões existenciais; a primeira, a descoberta da própria existência. Nas sociedades tradicionais havia uma ordenação em como o eu era constituído por meio das práticas tradicionais, as quais exerciam a ligação entre o passado e futuro: o modo de vida perpetuado pelas gerações funcionava como uma espécie de fórmula para o presente e de projeção da vida posterior, o que garantia relativa segurança aos sujeitos. Aliás, o sujeito era visto muito mais como componente de um coletivo, sem ser considerado em suas particularidades, como o é na modernidade. Por isso, a primeira questão existencial do sujeito da alta modernidade é obter êxito na realização das atividades cotidianas que reforcem sua existência no mundo. A segunda questão relaciona-se à tomada de consciência de finitude da vida humana e a terceira à existência de outras pessoas. A subjetividade manifesta-se a partir da

intersubjetividade, nos primeiros anos de vida, sendo um reflexo da confiança que nasce da relação entre a criança e os adultos que dela cuidam. Finalmente, o sociólogo apresenta-nos a quarta questão existencial, a auto-identidade. Ela representa, essencialmente, uma questão ontológica, “o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia” (GIDDENS, 2002, p. 54). Portanto, o indivíduo tem a identidade definida ao desenvolver sua narrativa pessoal, o que também garante a ele uma estabilidade relativa da auto-identidade, o que o autor denomina de segurança ontológica. Sob essa perspectiva, o sujeito constrói a si mesmo em uma atividade reflexiva constante, que permeia todos os campos de sua vida. A auto-realização torna-se decorrente da capacidade que o indivíduo tem de avaliar e equilibrar os riscos e oportunidades, realizando escolhas que satisfaçam a coerência da narrativa da auto-identidade e expressem a sinceridade do eu consigo mesmo.

As escolhas que o sujeito pode (e precisa) fazer compõem seu estilo de vida que, a despeito de seu sentido no senso comum, significa, para a sociologia, um conjunto de práticas que materializam a auto-identidade. Portanto, o sociólogo defende que esse é mais um conceito pertencente à organização moderna, afinal, nas sociedades tradicionais não havia tantas opções disponíveis para serem escolhidas. As práticas rotineiras, os hábitos e costumes constituem o estilo de vida que pode se modificar com as transformações da auto-identidade. Por isso, “[...] são decisões não só sobre como agir mas também sobre quem ser.” (GIDDENS, 2002, p.80) A disponibilidade dessas opções (que não necessariamente são acessíveis a todos e percebidas por todos os indivíduos) está sob a influência da modernidade e torna-se múltipla devido aos diversos ambientes sociais que um sujeito percorre durante a vida, no caso, o trabalho, a família, o lazer; a rotina fica segmentada em setores, de acordo com o teórico. Além disso, a escolha do estilo de vida dialoga com as instituições e ambas constituem-se sob influência mútua. Outro fator que complementa a variedade de opções de estilo de vida refere-se à modificação nas relações interpessoais da modernidade.

Anthony Giddens (2002, p. 86) explicita a transformação da intimidade a partir da noção de relação pura⁶. Nas sociedades pré-modernas, fatores externos

⁶ Relações que envolvem parentesco, como entre pais e filhos, não são consideradas relações puras, pois se sustentam pela conexão biológica, um fator externo.

orientavam as relações amorosas e de amizade. Não havia abertura para a escolha, como há na alta modernidade; os amantes e os amigos eram quase como heranças do meio sócio-econômico e esse era o parâmetro de sustentação dessas relações. Modernamente, os relacionamentos pessoais tornaram-se fatores imprescindíveis à construção do projeto reflexivo da auto-identidade por serem constituídos pela liberdade de escolha dos parceiros amorosos, sexuais e das amizades. Esses relacionamentos são reflexiva e continuamente organizados e regidos pelo compromisso e pela confiança. Quando Giddens (2002) propõe as ideias de compromisso e confiança, ele se refere ao comprometimento que cada indivíduo tem com a relação em si e à sintonia desenvolvida com a outra pessoa. Basicamente, os sujeitos podem decidir se se envolverão nos contextos de amor e amizade e também optar por sair deles, caso não haja reciprocidade ou os elementos supracitados não consigam substituir uma ancoragem externa (por exemplo, o dever de manter um casamento por questões financeiras). Em outras palavras, as interações modernas possuem significado e êxito enquanto forem favoráveis aos que nelas se encontram. Ainda, a relação pura permite que cada indivíduo reconheça o outro e si mesmo, afirmando sua auto-identidade. Os parceiros podem, também, criar uma “história partilhada” (GIDDENS, 2002, p. 94) a partir das experiências compartilhadas, que podem interferir diretamente na constituição individual de cada pessoa envolvida.

Giddens (2002) também analisa as tribulações pelas quais o eu da alta modernidade passa. Certamente, o indivíduo moderno convive com ansiedades diferentes daquelas da sociedade tradicional. Porém, a segurança ontológica torna-se abalável no contexto contemporâneo devido ao crescimento constante da globalização a qual se relaciona em um processo de retroalimentação com a construção do sujeito. Ou seja, de acordo com o autor, o mundo contemporâneo tem um sentido diferente dos “mundos” anteriores. Apesar de os indivíduos viverem em um local geográfico determinado, suas vidas são perpassadas por situações e fenômenos de abrangência global. O desafio, na construção da auto-identidade, é manter a coerência da narrativa do eu em meio às influências externas e aos diferentes contextos sociais que a pessoa frequenta em sua vida diária. O autor defende que a alta modernidade de fato representa uma transição entre a modernidade e um novo período de transformações estruturais profundas que enfocam as instituições sociais e os indivíduos.

2.4 O PAPEL DO CORPO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

David Le Breton (2012) apresenta uma conceituação social para o corpo que reitera a noção proposta neste trabalho. O autor enfatiza que a compreensão de corpo assumida pela Sociologia é

[...] da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. Sugere que as ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade. (LE BRETON, 2012, p. 7)

O autor compreende o corpo como elemento mediador das experiências do ser humano com o mundo exterior, tendo, ao mesmo tempo, as dimensões individual e coletiva. As corporeidades são legitimadas pela relação com o outro e significadas pela rede de simbologias constituída pela sociedade na qual se insere.

Anthony Giddens (2002) mostra-se profícuo não somente nas reflexões sobre identidade, mas também sobre a dimensão corporal dos sujeitos. Ao compreendermos que o indivíduo constrói uma narrativa pessoal à luz do projeto reflexivo do eu, torna-se imprescindível considerarmos o papel do corpo nesse processo. O ser humano experimenta e vivencia sua corporeidade desde a infância; a matéria física representa, portanto, o meio de interação entre os sujeitos e o mundo. Além de encarnarem uma estrutura biológica, por assim dizer, os indivíduos se expressam por meio de gestos e expressões faciais, e comunicam através das vestimentas e adornos que usam; “[...] o corpo não é só uma entidade física que ‘possuímos’, é um sistema de ação, um modo de práxis, e sua imersão prática nas interações da vida cotidiana é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de auto-identidade.” (GIDDENS, 2002, p. 95).

O autor afirma que a sociedade espera que os indivíduos sejam capazes de controlar seus corpos nas interações, e eles o fazem a fim de assegurar a segurança ontológica, pois lapsos no controle corporal podem fragilizar os mecanismos de proteção do eu. Devido à possibilidade de controlarem os próprios corpos, o sociólogo considera que os indivíduos sejam agentes; uma concepção ampliada das reflexões propostas principalmente na primeira fase das análises de Foucault. É importante enfatizarmos que, pela perspectiva giddensiana, os indivíduos são

capazes de administrar os fatores que ameacem a segurança ontológica, certamente não sem esforço, e essa empreitada garante também que sejam aceitos pelos outros como agentes competentes. Assim, a sensação de integridade corporal leva o indivíduo a construir sua auto-identidade e a garantir a aprovação dos que estão ao seu redor. Constatamos, então, que os agentes estão em um exercício contínuo de manejo das manifestações corporais.

Além de apresentar o corpo como um meio de ação, Giddens (2002) valoriza também a sua dimensão biológica, pela qual o indivíduo experimenta dores e prazeres, vivencia a necessidade de elementos básicos como alimentação, higiene e proteção por meio do uso de roupas e explora sua sexualidade. Os modos de suprir essas necessidades básicas são denominados de “regimes” (2002, p. 62). Segundo o autor, esses regimes são cultural e individualmente definidos; isso significa que as sociedades delineiam os parâmetros dos hábitos e costumes, porém, cada sujeito pode decidir como irá desenvolver essas atividades, de acordo com o nível de flexibilidade do seu grupo social. Há regimes alimentares, sexuais, relativos às vestes (não somente proteção para o organismo físico, mas também modo de se adornar e comunicar simbolicamente). Entretanto, a rotina diária, que mobiliza os indivíduos a continuarem suas vidas, difere dos regimes. Esses últimos configuram-se como práticas e hábitos desenvolvidos desde os primeiros anos de vida. Os regimes “são maneiras de auto-disciplina, mas não são constituídos apenas pelos ordenamentos das convenções do cotidiano; são hábitos pessoais, organizados em parte segundo as convenções sociais, mas também formados pelas inclinações e disposições pessoais.” (GIDDENS, 2002, p. 63). O autor defende que os regimes são essenciais à formação da auto-identidade, pois são hábitos que se concretizam nos corpos dos indivíduos, não somente pelo ritual executado, mas também pelas marcas que deixam na compleição dos sujeitos. Os regimes alimentares, por exemplo, indicam as práticas alimentares, ao mesmo tempo em que denotam a construção da auto-imagem.

Quanto à sexualidade, o sociólogo aborda o gênero como um elemento a ser aprendido e desenvolvido, pois essa questão não se define simplesmente pela constituição anatômica e biológica do sujeito. Tornar-se homem ou mulher depende também da forma pela qual o indivíduo se expressa corporalmente e, ainda sim, não se pode determinar, com certeza, quais gestos ou ações distinguem um gênero de outro.

Temos, até aqui, quatro fatores corporais. Primeiramente, a aparência, as características externas visíveis pelo indivíduo e pelos outros. Em segundo lugar, a postura, o comportamento e as ações executadas. O terceiro elemento refere-se à sensualidade no seu sentido mais primitivo, ou seja, às sensações prazerosas e dolorosas que o corpo pode vivenciar. Por último, podemos compreender o papel dos regimes na dimensão fisiológica do eu.

De acordo com o sociólogo, os quatro elementos citados acima participam do caráter reflexivo da construção do eu. Especialmente na alta modernidade, eles remetem a uma “quase criação” do corpo; em outras palavras, a aparência, a postura, as sensações e os regimes corporais são altamente mobilizados pelos sujeitos de acordo com as opções disponíveis e com os intuítos pessoais. Basicamente, vivemos, na contemporaneidade, uma fase de extrema preocupação e de cuidados intensos com o corpo. “Tornamo-nos responsáveis pelo desenho de nossos próprios corpos, e em certo sentido [...] somos forçados a fazê-lo quanto mais pós-tradicionais forem os contextos sociais em que vivemos.” (GIDDENS, 2002, p. 98).

Quanto à sexualidade, o autor reconhece a contribuição de Michel Foucault, desenvolvida especialmente na *História da Sexualidade I: a vontade de saber*⁷, em que o filósofo francês defende que, na verdade, a sexualidade foi intensificada na arena dos discursos, ao invés de ter sido condenada e escondida pela sociedade burguesa, como se acredita, comumente. Todavia, Giddens (2002) propõe uma hipótese diferente tanto do pensamento de Foucault quanto da noção que ele tenta combater. Para o sociólogo, o surgimento da sexualidade se deu no momento em que ela foi privatizada e individualizada, tornando-se central na construção do projeto reflexivo do eu. Os discursos de que fala Foucault seriam mobilizadores desses sistemas reflexivos, os quais são internamente referidos, ou seja, são sistemas que ao mesmo tempo originam e resolvem os questionamentos concernentes a sua própria dinâmica. Ainda, a sexualidade moderna reforça a distinção entre a prática sexual com intuítos de procriação e da prática pelo prazer, significando tanto a expressão da intimidade quanto um elemento participante da auto-realização pessoal dos indivíduos.

⁷ A referida obra é citada no corpo do texto e nas referências bibliográficas porque foi inteiramente lida durante a etapa de pesquisa bibliográfica. Durante a confecção deste trabalho, percebemos que o livro, mesmo não representando o suporte teórico principal, dialoga com alguns pontos da pesquisa.

Assim, o corpo e o eu são elementos centrais da política-vida, pois o sociólogo defende que a identidade e a corporeidade não estão isoladas no âmbito pessoal, ao contrário, essas questões fazem parte não somente da constituição do indivíduo, mas também de um contexto social e político mais amplo, característica que se intensifica na alta modernidade. Segundo o autor, o advento da modernidade deu origem à política emancipatória, a qual reivindicava basicamente a libertação dos costumes tradicionais, a busca pela igualdade social, econômica e a revisão de valores como ética e justiça. Entretanto, Giddens (2002) visualiza uma nova política, mais ativa e menos utópica do que a anterior. Segundo ele, a política-vida consiste na possibilidade de os indivíduos escolherem seus estilos de vida, cujo objetivo central é a auto-realização do eu por meio do processo reflexivo inerente à alta modernidade. Além disso, corpo e identidade são vinculados às estruturas globais, sofrendo suas influências e também influenciando tais sistemas. Essa concepção, defendida pelo sociólogo, é coerente com a situação histórica e social exposta por ele durante todo o livro, pois reforça o poder de ação e decisão dos sujeitos pós-tradicionais. Tais indivíduos encontram-se sob influência constante das mudanças e acontecimentos mundiais, afinal, a globalização transformou o mundo em um lugar sempre conectado a outros referenciais de tempo e espaço. Nesse sentido, a auto-identidade, a narrativa coerente do eu e a segurança ontológica são fatores individuais que devem estar em constante diálogo com as rápidas mudanças sociais a fim de garantirem uma relativa integridade para o sujeito contemporâneo.

Ainda, o teórico reitera que corpo e auto-identidade não podem mais ser considerados entidades fixas, por serem elementos em contínua transformação. Inclusive, as reivindicações feministas, originariamente defensoras da emancipação da mulher, ampliaram-se e expandiram suas lutas a qualquer questão referente à corporeidade humana, seja ela sexual, de identidade de gênero, de reprodução. No segundo caso, o sociólogo cita que as pessoas podem, atualmente, decidir se serão biologicamente homens ou mulheres caso esse seja um problema para elas. No terceiro, ele apresenta o desafio que enfrentamos na questão do aborto, a dificuldade de um consenso sobre o assunto. Muito além de serem discussões sobre a posse do corpo ou sobre o direito que cada indivíduo tem sobre ele, esses exemplos indicam as buscas filosóficas, éticas e humanistas, nas quais se tenta estabelecer o que é ser uma pessoa, o que é ter uma identidade e quais são os limites e responsabilidades envolvidas nessas questões.

O sociólogo defende também que, ao contrário do que Foucault propôs em alguns de seus estudos, o corpo não está docilizado e completamente submetido às disciplinas; se estivesse, os indivíduos não poderiam integrá-lo à construção reflexiva do eu. “O próprio corpo – mobilizado na práxis – torna-se mais relevante para a identidade que o indivíduo promove” (GIDDENS, 2002, p. 201)

Logo no início deste trabalho fizemos referências a duas obras de Michel Foucault. A primeira delas, *Vigiar e punir* (1984), publicada em 1975, apresenta alguns dos conceitos fundamentais do conjunto de sua obra, como as relações de poder, as disciplinas, o sujeito. Na segunda, o ensaio *O sujeito e o poder* (1995) publicado pela primeira vez em 1982, ele revisita boa parte de sua teoria. Logo em seguida, utilizamo-nos de conceitos importantes de Giddens (2002), um sociólogo que, no decorrer de seu livro, questiona e vai de encontro às ideias do filósofo, citadas logo acima. Embora pareça uma incoerência teórica combiná-los nesta pesquisa, constatamos que ambos os autores, na realidade, se complementam.

Segundo Gomes, Almeida e Vaz (2009), os estudiosos de Foucault costumam destacar três domínios de sua filosofia: no primeiro, ele dedicou-se à compreensão dos saberes; no segundo ao poder e, no terceiro, à relação dos sujeitos consigo mesmos. Naturalmente, o autor passou por processos de autocrítica e revisão do seu trabalho filosófico e, mesmo que siga uma linha razoavelmente linear, sua última fase é considerada diferente das outras. Por isso, o ensaio *O sujeito e o poder* mostra-se essencial ao apresentar uma compreensão mais depurada do filósofo. Um exemplo é a inserção da liberdade e da resistência como peças fundamentais em qualquer relação de poder. A partir desse momento, sua concepção de sujeito não é mais de assujeitado, mas, sim, de sujeito também ativo. Isso demonstra que Foucault assumiu que a dinâmica do poder não é capaz de imobilizar completamente os indivíduos e, apesar de as primeiras fases de sua obra serem muito significativas e constantemente lembradas,

No final de sua vida [...] Foucault voltou sua atenção à maneira pela qual o sujeito se constitui de forma reflexiva através das práticas de si fornecidas por esquemas sugeridos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la como função de certo número de objetivos e através de relações de autodomínio e autoconhecimento. Embora estes escritos não estabeleçam qualquer tipo de ponte com a atualidade, eles parecem nos indicar a realidade dos processos reflexivos presentes nos contextos pós-tradicionais em que estamos inseridos, para utilizar da terminologia afeita à sociologia de Giddens. (GOMES; ALMEIDA; VAZ, 2009, p. 311)

Quando os autores comentam, no trecho acima, sobre as práticas de si, estão se referindo principalmente ao livro *História da sexualidade: o cuidado de si*, publicado em 1984, ano de falecimento do estudioso. Portanto, podemos compreender que, sendo a atividade intelectual propensa a reformulações e progressões, os três domínios do trabalho filosófico de Foucault resultam em matéria basilar para compor as reflexões contemporâneas sobre a modernidade.

3 AS REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE

Optamos por analisar quatro contos de Rubem Fonseca, pertencentes a coletâneas diferentes. Analisamos cada obra enfocando suas peculiaridades, empreendendo, também, uma análise comparativa a fim de verificar as convergências e divergências das narrativas fonssequianas sob a perspectiva teórica escolhida. Consideramos, ainda, a distância temporal entre elas e buscamos compreender a trajetória estética da escrita de Fonseca. As obras foram escolhidas após uma revisão da contística do escritor. O parâmetro para a escolha foi a constatação de que em todos os contos há personagens retratados em situações de exclusão e desencaixe social, cuja identidade confusa, indefinida ou móvel representa um aspecto importante da construção narrativa.

O primeiro conto, intitulado *Duzentos e vinte e cinco gramas*, foi publicado no livro de estréia do autor, *Os prisioneiros* (1963)⁸. No início da narrativa, dois rapazes estão na sala de espera de um necrotério esperando por notícias de Elza, uma empresária, conhecida de todos eles que fora esfaqueada até a morte. Porém, os homens não se falam e não sabem que se encontram no mesmo lugar pelo mesmo motivo. Em seguida, um terceiro rapaz aparece e, em uma atitude decisiva, pede informações sobre a moça aos responsáveis do lugar. Então, o legista os atende e lança o desafio de que algum deles assista à necropsia. Um deles aceita e, durante o minucioso exame do corpo da mulher, desenrola-se a tensão entre o legista e o rapaz que assiste ao procedimento.

Em *A opção*, presente no livro *A coleira do cão* (1965), Danilo, Fernando, Duarte e Miriam estão reunidos para discutir o caso médico de uma criança que nasceu com a possibilidade fisiológica de ser menino ou menina. Porém, a decisão sobre o sexo desse paciente torna-se difícil devido à divergência de opinião entre dos envolvidos no caso e, especialmente, devido a um problema semelhante, que envolve Danilo e Miriam; ambos ficam incomodados e transtornados com a situação que os remete ao acontecimento passado.

Já em *Família*, do livro *Histórias de amor* (1997), podemos acompanhar o conflito entre a expectativa de um pai e o desejo de liberdade de uma filha. Ernestino

⁸ Nesta seção, indicamos as datas da primeira publicação dos livros. Nas análises, empregaremos as datas das edições utilizadas neste estudo.

casou-se com Dora que faleceu assim que deu à luz à primeira filha do casal, de mesmo nome da mãe. Abalado com a perda, o empresário não queria casar-se novamente e, ao mesmo tempo, estava sempre muito ocupado com os negócios. Assim, ele decidiu colocar a filha, ainda pequena, em uma escola interna de freiras, para que fosse bem educada. A menina Dora, então, acostumou-se à nova rotina e, nesse lugar, conheceu Eunice que se tornou sua melhor amiga. Anos mais tarde, já adultas, ambas se reencontraram e se descobriram apaixonadas. Contudo, Ernestino nutria uma grande expectativa com relação ao futuro da filha: esperava vê-la casada e com um filho, que seria o grande presente do avô. Apesar disso, Dora não desistiu da amada e, após a morte do pai, adotou uma criança a quem deu o nome de Ernestino.

Por fim, analisaremos *Gordos e Magros*, conto que compõe a coletânea *Axilas e outras histórias indecorosas* (2011). O personagem Leandro, professor de ciências e assíduo freqüentador de uma loja de chocolates, apaixonou-se por Jéssica, outra cliente do estabelecimento. Ao declarar sua paixão, ouve da moça que ela não poderia ficar com ele por um motivo muito importante. Convencido de que o empecilho para a concretização do romance era sua obesidade, o professor resolve realizar uma cirurgia bariátrica às pressas, e coloca sua saúde em risco para emagrecer muito no menor tempo possível. Alguns meses depois, e já magro, ele volta à loja por diversas vezes procurando por Jéssica. Quando a encontra, a moça elogia a nova forma física do amigo e diz que ela e Leandro não poderiam ficar juntos, pois ela estava apaixonada por Íris, sua namorada.

3.1 O GÊNERO CONTO NO BRASIL

A trajetória do conto, em nosso país, foi revisitada e analisada por Afrânio Coutinho (1999). O crítico literário afirma que houve manifestações literárias do gênero durante o período colonial, porém, eram produções essencialmente de cunho oral, apesar de terem sido registradas. As primeiras produções ficcionais que remetiam ao gênero, em nosso país, foram escritas principalmente por jornalistas, sob forte influência da literatura européia. Segundo Coutinho (1999) a primeira característica formal do gênero foi a existência de um *plot* dramático desenvolvido em uma narrativa curta.

Apesar da contribuição desses primeiros escritores, o autor defende que o conto brasileiro como expressão literária nasceu apenas na segunda metade do século XIX, mais especificamente com a obra *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo. Entretanto, Machado de Assis é citado como sendo o nome mais importante da contística brasileira, pois o gênero tomou forma e estabeleceu-se devido à qualidade formal e temática da escrita desse autor. “É ele, portanto, inegavelmente o fixador das principais diretrizes do conto brasileiro” (COUTINHO, 1999, p. 49). Destacaram-se, também, nessa época, as obras de Aluísio de Azevedo que, de acordo com Coutinho (1999) escreveu narrativas densas de temáticas universais e Artur de Azevedo com sua prosa simples e fluida.

O crítico enaltece, ainda, as produções regionais de qualidade originadas em todas as regiões do Brasil. Nesse grupo, Monteiro Lobato é lembrado pela originalidade das estórias, Simões Lopes Neto pelo retrato da realidade gaúcha e José Veríssimo como um dos representantes do conto da região Norte. Além desses, são citados outros autores que também abordaram a paisagem local.

Os contos de Lima Barreto, que tratam dos subúrbios e da burguesia carioca, além da prosa de João do Rio, compõem o período antecedente às mudanças no conto brasileiro. O Modernismo abalou a uniformidade estética do gênero, com nomes como Alcântara Machado e Mário de Andrade. Esse último conseguiu inovar aprofundando as questões psicológicas, nas obras, e tornando as narrativas mais complexas. Daí em diante, o conto moderno adquiriu um caráter mais objetivo, com menos sentimentalismo, porém, não menos intenso; ao contrário, o apelo ao sensível, à emoção e ao lirismo, fortaleceu-se nessa fase sob contornos próprios dessa corrente estética. Um exemplo são os contos de Graciliano Ramos, autor que soube trabalhar a linguagem e elaborar suas narrativas de modo excepcional.

O autor ressalta, ainda, a mudança na escrita dos contos: antes, eram predominantes as narrativas episódicas, cronologicamente lineares e com finais propositadamente imprevisíveis. Desde o Modernismo, principalmente devido à contribuição do cinema, as temporalidades tornaram-se arbitrarias, a dimensão psicológica tornou-se mais enfática, a ambientação caótica e as temáticas relacionadas à automatização humana. Apesar das transformações, o conto continuou (e continua) sendo uma forma de narrar um acontecimento, seja ele importante ou aparentemente frívolo.

Os contos de Samuel Rawet e de Guimarães Rosa fortaleceram o novo projeto da contística brasileira. Segundo Coutinho (1999), ambos os autores quebraram definitivamente com a forma tradicional do gênero. Além deles, muitos outros nomes foram significativos para o conto, a partir de 1950, dentre eles, Dalton Trevisan, Lígia Fagundes Telles, José J. Veiga, Ivan Ângelo, Clarice Lispector, Osman Lins e, finalmente, Rubem Fonseca que, à época do ensaio, havia publicado apenas os três primeiros livros, mas já era visto como um autor auspicioso. “Rubem Fonseca é outro contista de largos recursos que deve ser observado, já com três livros de elevado nível literário e inventivo [...]” (COUTINHO, 1999, p. 264).

Para Coutinho (1999), o conto é o segundo gênero mais profícuo na literatura brasileira, depois da poesia, devido à qualidade das obras e ao constante aparecimento de novos autores e à qualidade dos trabalhos dos veteranos.

3.2 UMA NOVA IDENTIDADE FEMININA

No conto *Duzentos e vinte cinco gramas*, analisaremos a representação da identidade da personagem Elza Wierck. Na estória, ela é uma jovem empresária que, assassinada brutalmente a facadas, tem o corpo levado para uma autópsia. Há ainda mais quatro personagens importantes para a narrativa (três rapazes, conhecidos de Elza – que se subentende serem seus amantes - e o legista); porém, interessa-nos focar a análise na mulher, visto que é a única personagem que tem o corpo extensivamente explorado ao longo do conto.

O início da narrativa já nos apresenta um cenário hostil. Na sala de espera do necrotério, dois rapazes aguardam longamente em silêncio, até que um terceiro aparece perguntando por alguém que o atendesse. Os que ali esperavam não respondem e, somente ao citar o nome de Elza Wierck a um funcionário, desenrola-se a comunicação entre os três jovens homens, pois todos esperavam notícias dela.

O diálogo que se segue apresenta-nos questões importantes. O Rapaz 1⁹, surpreendido com a coincidência, pergunta ao Rapaz 3 se Elza e ele eram parentes e o último responde em tom divertido que não, mas que sabia dos outros “amigos”

⁹ Devido a ausência de nomes, decidimos designar os personagens como Rapaz 1, Rapaz 2, Rapaz 3.

da moça e não se importava, porque ela não se envolvia profundamente com ninguém por estar sempre muito ocupada com o trabalho. A partir dessa fala, percebemos que o Rapaz 3, ao dizer que ela “(...) não tinha tempo para laços mais íntimos.” (FONSECA, 2009, p. 27) refere-se a “íntimo” como sinônimo de uma relação baseada em laços afetivos. Ainda no mesmo diálogo, um dos outros dois homens afirma estar perplexo com a existência de mais de um amante: “O fato de sermos os três, amigos, hum, íntimos de Elza. Eu fico um pouco chocado com isso sabem? Chocado não, surpreendido.” (FONSECA, 2009, p. 27). Nessa fala, o termo “íntimo” é novamente utilizado, porém, com outro sentido. A intimidade, agora, remete à relação sexual, a um envolvimento fortuito e, diferente do Rapaz 1, o outro não se sente confortável em saber que Elza tem mais de um amante.

No trecho citado acima, a identidade da mulher começa a ser delineada para o leitor, a partir de no mínimo dois pontos de vista diferentes, do Rapaz 1 e de um dos outros dois homens (ou dos dois, não é possível determinar exatamente quem fala). Ao considerarmos o conceito de auto-identidade defendido por Giddens (2002), constatamos que cada um dos personagens que faz comentários sobre a mulher está, na verdade, expondo diferentes narrativas do eu de Elza. Apesar de a personagem estar morta (teoricamente seu projeto reflexivo do eu cessou), ela é o centro de onde irradia toda a movimentação do conto e boa parte dos acontecimentos desenrola-se a partir da identidade que ela veiculava às pessoas com quem convivia e que agora vai sendo revelada pela perspectiva que cada amante apresenta dela. Além disso, veremos mais à frente que a autópsia revelará novas informações sobre a auto-identidade da personagem. Podemos afirmar, também, que o corpo da empresária já se constitui como um parâmetro para sua definição identitária, pois, mesmo que tal elemento ainda não tenha sido citado objetivamente, uma questão relacionada à corporeidade dela já está em questão: o comportamento sexual. Novamente retomamos Giddens (2002) para quem a sexualidade, noção pertencente aos regimes corporais, é construída e representa um fator importante na constituição da identidade individual.

Passada a surpresa da coincidência, os três jovens comentam sobre o sucesso de seus empreendimentos e demonstram empatia um pelo outro, mesmo sabendo que todos se envolveram amorosamente com Elza. Giddens (2002) afirma que a alta modernidade possibilita novos relacionamentos interpessoais, nos quais os indivíduos podem escolher com quem irão se relacionar e o envolvimento dura

enquanto ambas as partes estiverem felizes. Essa noção, denominada por ele de relação pura, aparece no conto. Elza tem a liberdade de escolher seus parceiros e de ter relacionamentos passageiros. Se consideramos o contexto de escrita do conto, início dos anos 60 do século passado, constatamos que Fonseca desenvolve uma personagem feminina com características identitárias compatíveis com o sujeito pós-moderno proposto por Hall (2006). Àquele tempo as teorias feministas se fortaleceram, mas era bastante incomum que uma mulher de classe média fosse respeitada e pudesse ter uma vida normal caso não escolhesse se casar, ter filhos e dedicar-se à rotina doméstica, cuidando da família e da casa. Lembremos, também, que a personagem era uma empresária, trabalhava em uma posição essencialmente masculina. Ela exercia, portanto, uma atividade pouco comum entre as mulheres.

Finalmente, o médico legista aparece na sala e pergunta se a moça tinha parentes e recebe a informação de que a vítima era suíça e os familiares moravam no seu país de origem. Há nesse momento uma intervenção do narrador “[...] esfregando as mãos como se estivesse muito satisfeito em ouvir aquilo.” (FONSECA, 2009, p. 28). É um primeiro indício do comportamento duvidoso do médico que, ao invés de apenas responder às perguntas dos amantes, inicia um jogo para obrigar um deles a assistir à autópsia de Elza. Ele justifica abrir uma exceção nesse caso porque vê “[...] o lado humano das coisas [...]” (FONSECA, 2009, p. 29), o que soa muito irônico, já que nenhum dos jovens quer passar pela situação. Além disso, “A descrição da autópsia denuncia a violência institucionalizada que não respeita qualquer sacralidade do corpo, transformando-o em material de trabalho pouco ou muito sádico.” (VIDAL, 2000, p. 48). Nesse momento, dois outros conceitos giddensianos nos são úteis à análise. Primeiramente, podemos afirmar que o legista está violando a confiança que o conhecimento especializado da medicina deveria garantir à sociedade. Ao convidar um dos amantes para assistir à autópsia, ele está realizando um procedimento proibido. Essa proibição relaciona-se também ao conceito de política-vida, no qual se defende uma reflexão sobre as atitudes éticas relativas aos indivíduos e seus corpos. Nitidamente, o personagem viola o corpo do cadáver, o expõe erótica e violentamente. Dois novos olhares sobre a identidade de Elza: um objeto sexual e um objeto sobre o qual o médico poderá descarregar seu sadismo.

Após a insistência do legista, afirmando que era necessário coragem, um dos rapazes se oferece para acompanhar a autópsia. Ambos entram na sala onde está a

moça, ainda vestida. O exame inicia-se com a retirada das roupas e a anotação detalhada das peças, e continua com a lavagem do corpo. Nesse momento, pode-se afirmar que uma Elza diferente surge aos olhos do rapaz, pois ela se encontra numa situação de vulnerabilidade, com seu corpo ferido e morto exposto levemente. O despir adquire tanto a conotação de ato sexual, para o legista, quanto de aparição das fragilidades de Elza enquanto ser humano, para o amante. O auto cadavérico continua com a medição da profundidade das facadas; apesar de ser possível medir as feridas na pele, a impossibilidade que os outros personagens têm de medir as subjetividades de Elza e até mesmo sua identidade, torna-se evidente, considerando a complexidade da personagem, uma mulher que não corresponde ao padrão feminino esperado pela perspectiva do sujeito sociológico.

No seguimento, o tronco e a cabeça da mulher são cortados para a análise detalhada da parte interna. O legista lança uma pergunta provocadora ao homem que assiste: "Você aguenta?" (FONSECA, 2009, p. 31) e faz questão de dizer que depois o corpo da empresária ficará como antes, exceto pela marca da costura. Ao fazer esse comentário, ele enaltece a fragilidade do corpo morto, objetificando-o, e intenta desfigurar a imagem identitária que o amante havia construído da moça, tornando-a menos bela e menos atraente. O médico ainda comenta de modo pungente que, para serrar o crânio, prefere o serrote a uma serra elétrica e narra um acontecimento tragicômico com o aparelho, o que intensifica a tensão entre os dois personagens em foco.

Assim, os órgãos principais começam a ser retirados e pesados. O primeiro é o encéfalo, segundo o narrador, "[...] uma massa alabastrina, uma opaca medusa [...]" (FONSECA, 2009, p. 32). Em seguida, o fígado que, de acordo com o examinador indicava que "Ela não bebia, certamente [...]" (FONSECA, 2009, p. 32), depois o pulmão e o útero "[...] 'pequeno e vazio. Vazio.' repetiu ele, olhando o homem ao seu lado" (FONSECA, 2009, p. 33). Na sequência, retiraram o sangue e, por último, o coração que pesava duzentos e vinte cinco gramas e não fora atingido por nenhum golpe de faca. A abertura do corpo e a retirada de cada órgão são os passos de uma viagem pela parte interna de Elza. Não somente em sua dimensão puramente anatômica, mas também em sua intensidade enquanto carne e em sua complexidade enquanto pessoa humana. Novamente, detalhes corpóreos tornam-se pistas para a caracterização da empresária. Pela perspectiva do legista, os órgãos são indícios de conduta e, retomando outro conceito giddensiano, de estilo de vida.

Se o fígado era saudável, ela não bebia; se o útero estava vazio, ela e seu (s) amante (s) foram incapazes de gerarem vida. O legista provoca o rapaz enfatizando o útero vazio como se quisesse desvalorizar o relacionamento dos amantes e escarnecer sobre o fato de que o rapaz que assistia à autópsia fora incapaz de exercer seu papel masculino, pois não era o único parceiro sexual de Elza. Já o coração, convencionado o órgão representante do amor e do afeto, é uma parte dela que não fora atingida pela faca e ficara também intocada pelo parceiro amoroso. Uma falha dupla: não ter nem a fidelidade da empresária e nem seu amor.

A cena tem um ar ritualístico, culminando com uma frase ambígua do legista [...] Para além do olhar deflorador do médico - a decepção sádica de encontrar o órgão imune à faca do agressor - a frase pode ser entendida como a parte recôndita da mulher que morrera sem ser conhecida, sem ser "atingida" pelo amante que assiste à sessão. [...] (VIDAL, 2000, p. 46-47)

É contundente, ainda, a ação de retirada e recolocação da face. O rosto pode ser considerado a parte do corpo comumente ligada à caracterização de uma pessoa. Ao puxá-lo, no início do processo de análise de todos os órgãos, e ao recolocá-lo em seu lugar, no fim, constrói-se a noção de desconstrução momentânea da identidade. A autópsia inteira acontece com a face fora do lugar, por isso, compreendemos que o exame significa também um aprofundamento na dimensão incógnita da moça, por parte do rapaz, e esse processo termina com a recomposição da imagem facial; porém, a narrativa da auto-identidade de Elza, construída pelo outro, já está alterada pelas novas descobertas. O legista está ciente da complexidade do auto cadavérico, para o amante, e tem esse momento como uma possibilidade de diversão perversa.

Finalizada a autópsia, o médico não esconde o descontentamento com a resistência do jovem empresário e, na despedida, “Os dois olharam-se nos olhos, como um sentimento escuro, viscoso, mau.” (FONSECA, 2009, p. 34) o que reforça a ideia de que o corpo falecido de Elza servira também de objeto de disputa masculina, como um cabo-de-guerra, em que cada macho buscava reafirmar sua coragem e poder diante do outro.

Esse conto pode ser considerado um retrato do surgimento dos novos papéis femininos, na alta modernidade, e a consequência dessas mudanças. Por meio da narrativa literária, expõem-se as relações do sexo feminino, em um novo paradigma, com a sociedade ao seu redor. Elza representa a mulher com mais liberdade, que

trabalha, é bem-sucedida em sua profissão e, ainda, exerce sua liberdade sexual. Os amantes e o legista são o pólo masculino que se depara com essas mudanças, apresenta resistência e tenta entender a situação ou desenvolve uma atitude sarcástica e sádica diante da novidade. Para um dos amantes é difícil aceitar que ela tenha diversos parceiros amorosos. Para o legista e o rapaz que assiste à autópsia, ela enquanto cadáver significa um objeto mediador do conflito que põe em jogo os valores concernentes à masculinidade; portanto, temos uma personagem que representa a multiplicação e fragmentação dos papéis sociais da mulher e esse acontecimento mostra não somente a instabilidade do padrão até então relativamente estável da identidade feminina, mas também a crise do papel masculino que, no caso desse conto, representa a perspectiva pela qual se vê o feminino.

Sob nosso prisma de análise, a autópsia é uma metáfora da investigação que o legista e o amante empreendem sobre a identidade de Elza, o primeiro provocando sensações e sentimentos desagradáveis por puro prazer e o segundo buscando compreender melhor essa figura feminina mais liberal e, conseqüentemente, seu próprio papel enquanto homem. O rapaz deseja descobrir os indícios que podem levá-lo a entender e traçar uma narrativa coerente da auto-identidade da empresária em meio à instabilidade que ela provoca no padrão do sujeito sociológico exposto por Hall (2006). O nítido incômodo sentido por ele deve-se não somente aos questionamentos sobre as funções sociais de cada gênero, mas também à frieza do legista durante o procedimento autóptico.

Fonseca realiza uma composição muito rica, nesse conto. Com narrador em terceira pessoa, onisciente e onipresente, a estória desenvolve-se de maneira rápida e direta, com diversos diálogos, no início, e algumas intervenções precisas do narrador. Podemos dizer que o tempo psicológico da narrativa contribui para a riqueza de sentidos e para a potência do conto. Especialmente na parte em que ocorre a autópsia, vemos a diferença entre o tempo psicológico do médico legista e do amante, o que complementa a miríade de emoções proporcionada pela leitura. O sadismo e o ar zombeteiro do legista se confrontam (e afrontam) com o silêncio do rapaz, compondo o tempo tensionado da narrativa. Durante o exame, não há diálogo, apenas o monólogo do médico e os comentários do narrador; porém, é justamente a ausência de reações do homem que assiste ao procedimento que

intensifica a disputa entre eles e a perplexidade que a trajetória pela identidade e pelo corpo de Elza causam no amante.

3.3 IDENTIDADE DE GÊNERO E ÉTICA

Analisamos, no conto *A opção* (1995) não somente a identidade de um personagem, como também a reverberação desse conceito nos outros personagens. A figura sobre a qual se deseja compreender a constituição identitária, na estória, é uma criança de nove anos de idade que não se manifesta em nenhum momento da narrativa; ela é apenas mencionada. A sexualidade e a identidade de gênero dessa criança são discutidas longamente pelos personagens, pois ela não tem um sexo definido, nascera com possibilidades fisiológicas de ser tanto menino quanto menina e, agora, precisa passar por um procedimento médico que defina se ela terá o corpo de um ou de outra.

Logo no início do conto, o personagem Danilo, professor e médico, apresenta, durante um encontro com alunos, quatro tipos de caracterização para o sexo que, neste trabalho, compreendemos como sendo o conceito de gênero. Segundo ele há o gênero jurídico, o mesmo que civil; o anatômico, concernente à genitália; o gonádico, referente às glândulas produtoras de gametas e o psicológico, definido pela psique do sujeito. Já nesse início, portanto, professor e alunos estudam o caso da criança a partir de quatro pontos de vista distintos sobre o que define o gênero de um indivíduo.

Essa multiplicidade de parâmetros para determinar se alguém é homem ou é mulher demonstra que, no contexto ficcional, os indivíduos precisam corresponder às diversas categoriais socialmente estabelecidas para se definirem. Ao mesmo tempo, a multiplicação desses parâmetros significa que existe uma preocupação coletiva de se conhecer e compreender todas as dimensões de uma pessoa. Hall (2006) explicita esse fenômeno quando diferencia o sujeito sociológico do sujeito pós-moderno. Lembremos que o sujeito sociólogo possuía um papel social relativamente estável, já o indivíduo da modernidade tardia se depara com a fragmentação de sua identidade em várias identidades possíveis. Portanto, é possível afirmarmos que Danilo inicia a discussão propondo que todas essas identidades sexuais tornem-se harmonizadas e, ainda mais, devem ser

categoricamente definidas para um resultado de êxito no caso da criança. Segundo o professor, ela é juridicamente e gonadicamente feminina, morfologicamente masculina, porém, psicologicamente indefinida; por um pequeno detalhe fisiológico, quase é considerada hermafrodita. Assim, a maior parte do conto desenrola-se no exercício de projeção da auto-identidade futura da/o paciente, realizada por Danilo, Fernando e Duarte, por meio de hipóteses lançadas por cada um deles. Retomamos, então, o conceito de auto-identidade, proposto por Giddens (2002): um projeto reflexivo da narrativa do eu. Danilo e seus alunos, baseados em uma auto-identidade já existente, porém ambígua, tentam eliminar o paradoxo a fim de garantir coerência não somente à narrativa pessoal, mas também à imagem que os outros (eles próprios e a sociedade) terão da identidade da criança.

Durante a análise, constatamos que a narrativa é desenvolvida por Fonseca (1995) de modo que a contradição não busca ser solucionada, mas sim enfatizada. Essa composição narrativa é feita por meio das opiniões contrastantes e dos conflitos existentes entre os personagens. Danilo e Duarte, por exemplo, questionam-se e desafiam-se mutuamente sobre o exercício da medicina. Fernando demonstra maior tranquilidade durante a conversa, mas apresenta questões plausíveis e fora do lugar-comum; devido a uma maior sensibilidade, reconhece os pontos de tensão e tenta apresentar soluções, em alguns momentos. Já Miriam permanece calada durante toda a estória, em uma postura enigmática e amargurada. Passamos o conto fazendo conjeturas sobre quem ela pode ser e sua relação com os outros por meio da manifestação de seu fluxo de consciência, que é presente também nos outros personagens. Esse recurso narrativo expõe os sentimentos e pensamentos mais íntimos de cada um deles.

O conto começa com uma breve exposição de Danilo sobre os tipos de gênero e continua com a seguinte afirmação: “As palavras macho, fêmea, homem, mulher são meros símbolos representando uma realidade que não existe.” (FONSECA, 1995, p. 149). Tal frase demonstra a barreira que o conhecimento científico, nesse caso, biológico, não consegue ultrapassar: as subjetividades constituintes do exercício de construção da realidade e da identidade que escapam aos saberes racionais. Ser homem ou ser mulher não é uma qualidade intrínseca de um ser, mas, sim, uma construção simbólica e, se simbólica, social, pautada por padrões convencionados. Sobre isso, Giddens (2002) afirma o mesmo; ser homem ou mulher não é algo dado, é o exercício de construção de si empreendido por cada

indivíduo no percurso da sua narrativa da auto-identidade. Portanto, nesse início da estória, todos os personagens compreendem essa complexidade do caso do/a paciente.

Então, a situação da criança é detalhadamente exposta por meio de slides e pelas explicações que Danilo faz. Quando ele comenta que o tempo pode ser um inimigo para a resolução do problema, aparece a primeira intervenção de pensamento de Mírian, em itálico:

“Quantos anos tem o paciente?”

“Nove. Esse é outro problema, dentro do problema. A alteração da genitália através da correção cirúrgica deve ser feita cedo.”

Mírian: *“(Devem, mas não fazem. Mas podiam, Danilo podia ter feito. Pergunto por que não fez. Não sabia?, fugiu da dificuldade, não quis correr o risco da alternativa de decifrar ou ser devorado? Devia lhe dizer isso. Ah, ah! Antes perguntaria – sabe quem eu sou? Lembra-se de mim? Sofre agora, uma parte que seja do meu sofrimento...)”*¹⁰ (FONSECA, 1995, p. 150)

Nesse momento, Fonseca (1995) expõe uma relação ocorrida no passado, entre aluna e professor. No excerto supracitado, o pensamento da moça revela um fato acontecido a ela, cuja responsabilidade é delegada a Danilo, que poderia ter agido de forma mais rápida e objetiva para resolvê-lo. A questão da identidade da criança em questão remete a um evento traumático, relacionado à identidade de outra pessoa (da própria Mírian ou de alguém ligado a ela), cujos detalhes são expostos no final da narrativa.

O conto continua com novas argumentações do médico, agora, sobre o desenvolvimento da sexualidade da/o paciente. “Essa matéria de sexo – esta palavra é semanticamente imprecisa, mas não há outra – o ser precisa ser definido.” (FONSECA, 1995, p. 152) Danilo afirma que é difícil para um ser humano conviver com a indefinição de sua orientação sexual e de sua identidade de gênero, e ele se refere ao corpo duplo da criança. Essa passagem nos mostra que, apesar de a sociedade reconhecer a existência de novas manifestações sexuais e de gênero, ainda há dificuldade em se aceitar que o corpo promova um lugar instável socialmente, uma identidade com partes incompletas, múltiplas ou “anormais”. Nesse trecho, ele defende que a tendência do ser humano é sempre buscar o seu espaço (ou reconhecer o espaço do outro) na identificação com uma representação

¹⁰ Nas citações, manteremos a configuração tipográfica em itálico devido ao papel que ela cumpre na construção narrativa.

coesa e, no caso dessa narrativa, o elemento que poderia garantir isso seria justamente um corpo livre de qualquer ambiguidade. Em vista disso, a crise de identidade explicitada por Hall (2006) e Giddens (2002) evidencia-se nessa parte da estória: a indefinição sexual e de gênero, representada pela compleição dupla do/a paciente, desestabiliza a auto-identidade do sujeito.

O grande primeiro conflito entre Danilo e Duarte resulta de uma provocação do aluno: “Então era só jogar a moedinha para o ar: cara, mulher, coroa, homem, Duarte.’ ‘Na medicina você não joga moedinhas para o ar.’ (*É um palhaço. Que faço aqui, ensinando esse palhaço? Devo ensinar minha Arte, como quer Hipócrates...?*)” (FONSECA, 1995, p. 151). Quando fala em “jogar a moedinha para o ar”, Duarte intenta desestabilizar a tranquilidade do professor e questionar os saberes institucionalizados pela medicina a qual representa, no dizer de Giddens (2002), o conhecimento especializado. De fato, a resolução do caso da criança rompe as barreiras da ciência, adquirindo um estatuto filosófico. Duarte consegue expor a impotência de Danilo; ele ironiza e desvaloriza a situação tornando-a motivo de disputa intelectual entre ele e Danilo que, a partir desse instante, demonstra sua insegurança com o caso e o cansaço com a profissão.

Após o desentendimento, o médico prossegue com sua exposição. Ele comenta sobre a importância do *gender role*, termo da língua inglesa que significa em português “papel de gênero”, e defende que os sujeitos precisam cumprir o papel social reconhecido por eles e pelos outros, para se desenvolverem e se integrarem, e afirma que o ser humano deve encontrar sua verdade sexual. “O que somos em matéria de sexo inclui o erotismo, mas é mais do que isso: inclui, por exemplo, o gesto, os maneirismos, afetações, devaneios, ilusões, ambições para o futuro, mas é também mais do que isso.” (FONSECA, 1995, p. 152). Ao citar gestos e maneirismos, relacionamos novamente à noção que Giddens (2002) defende sobre a sexualidade: ela é composta dos regimes e das posturas corporais, mesmo que esses não possam estabelecer com exatidão a sexualidade do indivíduo.

Danilo ainda destaca a importância do outro na atividade de construção identitária:

[O que somos em matéria de sexo] É o que os outros acham que nós somos; é aquilo que nós achamos que somos – e é, ainda, mais do que isso. Algo impresso irreversivelmente, e que nós precisamos descobrir, pois

o ser humano não pode viver com essa contradição que vemos em nosso paciente. (FONSECA, 1995, p. 152)

Ao mesmo tempo em que o professor reconhece o meio social como uma influência para a constituição da sexualidade do sujeito, ele considera que exista uma essência, um caminho que possa conduzir o indivíduo ao encontro consigo mesmo, com seu eu unificado. A criança sobre quem se fala e para a qual se busca um gênero específico tem sua narrativa da auto-identidade influenciada pelas informações que fornece de si mesma e poderá ver sua história tomar um rumo que será determinado também pelo olhar do outro. Nesse sentido, a composição do conto aponta o perigo de uma escolha equivocada, desviada dessa pretensa essência, opção que poderá deixar marcas permanentes na vida da/o paciente. O conceito de risco faz-se presente durante toda a discussão, pois médico e alunos sabem que o resultado de uma cirurgia é incerto. O risco também remete à noção de política-vida de Giddens (2002). Em sua origem, o caso da criança era somente médico; no decorrer do conto adquire uma dimensão filosófica, adentrando no campo ético, pois se relaciona aos valores e princípios morais concernentes à constituição da identidade dessa pessoa. O médico não consegue discernir os limites e as consequências de suas ações, enquanto os conhecimentos específicos da medicina não podem solucionar satisfatoriamente o caso. Assim, um possível procedimento cirúrgico passa a significar um grande peso: Danilo será clínica, filosófica e humanamente responsável pelo resultado (positivo ou negativo) na transformação corpórea da criança, da mesma forma que ocorre com ele no caso de Mírian, como veremos à frente.

Noções de feminilidade e masculinidade também são expostas pelo professor. Segundo o personagem, para um sujeito ser homem ou mulher precisa acreditar que é uma coisa ou outra e que os outros o consideram como tal. Além disso, precisa ter a genitália correspondente ao gênero, mesmo que ela tenha sido criada artificialmente. Nesse ponto da narrativa, uma fala do personagem Duarte nos chama a atenção: “Quer dizer que para ser feliz o ser humano precisa estar em paz com as suas ilusões?”, Duarte. ‘Precisamente’, Danilo.” (FONSECA, 1995, p. 152) A ilusão está intimamente relacionada à noção de construção da realidade. Retomemos, aqui, uma das primeiras frases do texto: “As palavras macho, fêmea, homem, mulher são meros símbolos representando uma realidade que não existe.”

(FONSECA, 1995, p. 149). O real não existe porque não está pronto para que os seres humanos se apropriem dele, a realidade precisa ser construída. Por conseguinte, a identidade sexual e de gênero significa, para o médico uma criação da qual indivíduo e sociedade precisam partilhar. Nesse sentido, a intersubjetividade, o papel do outro assume grande importância na decisão de Danilo.

O debate sobre a definição de gênero continua e suposições de qual seria a melhor escolha médica partem de detalhes como a roupa que o paciente veste (roupas de menina), o fato de urinar em pé, ter cabelo comprido; parâmetros esses contraditórios. Os regimes e posturas corporais não apresentam uma unidade. Inclusive, Danilo cita um sonho que a criança contara que teve: “[...] mas nos seus sonhos não existem mulheres, nem outros homens, só ele, e se parece com o Moisés de Michelângelo, cuja figura viu num livro de sua casa.” (FONSECA, 1995, 153). A figura imponente e masculina retratada na escultura é apenas uma pista inócua do gênero psíquico da criança.

Quanto aos exames psiquiátricos, de acordo com o médico, não constatavam nada de errado, porém, também não ajudavam. Os psiquiatras “Queriam tempo, observar mais, mas não há tempo; no caso, o tempo é um inimigo, um veneno para o ser humano.” (FONSECA, 1995, p. 154). A rápida passagem do tempo e suas possíveis consequências para a vida da criança também são questões adversas ao caso porque adicionam mais responsabilidade à decisão. Isso se comprova no excerto em que Danilo confessa que não sabe exatamente o que fazer, mas que deve agir. Para ele, a necessidade de decidir e responsabilizar-se pelos seus atos é uma prisão. O leitor fica ciente dessa crise por meio do fluxo de pensamento, pois o médico em nenhum momento externa esse sentimento aos outros. Certamente, o resultado de sua escolha poderia ser uma prisão inclusive para a criança e a condenação para ela seria viver em seu próprio corpo.

Enquanto isso, Fernando propõe um questionamento importante “Tudo que existe tem uma razão de ser. E se nada fosse feito?” (FONSECA, 1995, p. 154) Essa fala caracteriza-se como um contraponto a toda a situação. O aluno considera a possibilidade de manter a anatomia original, por assim dizer, da criança, como sendo a opção mais sensata; provavelmente, por considerar a modificação cirúrgica, sob tais circunstâncias incertas, uma agressão. Fernando apresenta uma visão diferente de tudo o que tinha sido posto em jogo até então, rejeitando a necessidade

de a criança ter um gênero bem delimitado e um corpo que correspondesse a sua identidade de gênero. Ele suscita reflexões como: por que um indivíduo não pode ser aceito por ter um corpo ambíguo? Contudo, Danilo discorda da ideia e reafirma o dever que tem de escolher, pois deixar a criança como estava seria anti-humano.

Então, Mírian que até então não havia se pronunciado, demonstra sua indignação com o que acabara de ouvir de Fernando e, após um monólogo de fluxo de consciência, solta um gemido tão intenso que faz Danilo retirar-se da sala apressadamente, como quem sabe como resolver o caso. O pensamento dela significa o extremo oposto da sugestão de Fernando. Para ela, é impossível que uma pessoa tenha paz ao se deparar com o seu corpo (ou o corpo de seu filho) aprisionado em uma forma estranha e dupla. No trecho do fluxo de consciência de Mírian, compreendemos melhor o evento que envolve ela e Danilo. Contudo, algumas lacunas permanecem, permitindo que ao menos duas leituras possam ser feitas: que a própria moça nascera hermafrodita ou que ela é a mãe do bebê com genitália dupla (problema que o médico não fora capaz de resolver).

*Depois de nove meses de vômitos, dores nas costas, desconforto, depressão, cistite, hemorróidas, ecolalia, algolagnia, a última angústia: medo. O da mãe, o do feto, uma passando o medo para o outro; o do feto o grande medo de todos; medo da vida. O da mulher, o medo da morte, vai crescendo insuportável como o de alguém que se afoga – mas a mulher é dura: e ocorre o alívio, feito de libertação e rejeição, como se o feto fosse fezes há longo tempo reprimidas, como uma luz rompendo o duro invólucro de escuridão que a envolvia, provando a crueldade do ser contra o ser, a solidão de todos. Menino ou menina?*¹¹ (FONSECA, 1995, p. 155)

Após esse excerto que remete a imagens de dor e rejeição ao filho, Mírian lembra a visão da escultura do Hermafrodita em um museu e o fato é narrado de forma lírica, suave e bela, contrastando com o excerto acima. Para tanto, Fonseca (1995) utiliza-se de um trecho do poema *Contralto* de Théophile Gautier, no qual o eu-lírico descreve a obra de arte como algo belo e enigmático, apesar da estranheza do corpo com nádegas de Afrodite e falo de Hermes. Por fim, compreendemos a falha de Danilo quando os pais esperavam descobrir como a/o filha/o seria: “*Vamos, Danilo, diga. Diga – não sei, e eles, pai e mãe, que armem o seu segredo; só deles, uma cumplicidade de crime abominável.*” (FONSECA, 1995, p. 155). [grifo nosso] A impossibilidade de definição do gênero da criança é retratada por Mírian como uma

¹¹ Nas citações, manteremos a configuração tipográfica em itálico devido ao papel que ela cumpre na construção narrativa.

aberração, pois, além de manter a ambiguidade do corpo, impede que os pais construam uma narrativa coerente para a identidade do filho, demonstrando, assim, a dificuldade de reconhecimento que ele terá não somente da família, mas da sociedade.

O recurso narrativo do interdito, marcado no texto pelo itálico, promove uma suspensão no espaço e no tempo do conto ao explorar os sentimentos e pensamentos mais recônditos dos personagens, remetendo a tempos passados e descolando-os do espaço ficcional da sala de aula. Além disso, o conflito entre Danilo e Mirian é reforçado pela dessincronia de seus respectivos tempos psicológicos. A justaposição dos fluxos de consciência, realizada por Fonseca (1995), reforça os contrastes inerentes ao problema da construção identitária da criança. Ademais, o foco narrativo na terceira pessoa do singular amplia a perspectiva do leitor sobre a estória, expondo uma rede complexa de opiniões, pensamentos e sentimentos.

Certamente, essa composição formal enaltece a temática abordada, pois o escritor retrata uma discussão específica sobre identidade e corporeidade que reflete a confusão que tais conceitos provocam nos sujeitos da modernidade tardia. Acreditamos que a reflexão sobre a política-vida giddensiana, a discussão ética e humanista concernente ao conceito, e a abordagem do papel da identidade de gênero estão muito bem propostas pelo conto.

3.4 SEXUALIDADE, AMOR E AFETO NA CONTEMPORANEIDADE

No conto *Família*, analisaremos a identidade da personagem Dora. Filha de Ernestino e Dora, a menina ficou órfã de mãe logo que nasceu. O narrador destaca a predileção do casal por um filho do sexo masculino, desejo, porém, interrompido pela morte da esposa. “Planejavam ter três meninos e duas meninas, mas não se incomodariam se fossem quatro meninas e um menino, desde que o primeiro a nascer fosse do sexo masculino” (FONSECA, 1997, p. 15). Desde o início da narrativa percebemos que a menina Dora representa para o pai uma dupla decepção: ela é a única filha de Ernestino, uma mulher e não um homem, e ao mesmo tempo em que ela nasce, sua esposa falece. Portanto, ao se chamar Dora, como a mãe, ela adquire uma posição ambígua para o pai: possui uma conotação

negativa por não ser o filho homem, mas positiva porque é a mulher que poderá, futuramente, procriar e gerar o herdeiro tão esperado pelo empresário, visto que ele decidira não se casar com nenhuma outra mulher, mesmo com a insistência dos amigos próximos.

Quando Dora completa seis anos, o pai decide colocá-la em um colégio interno de freiras, por estar sempre ocupado com seus negócios. O caminho até a instituição é narrado como sendo muito agradável para a criança, mas um momento de tristeza para o pai. A menina ainda não havia compreendido a situação, porque Ernestino comprara balas para ela “e Dora fizera a viagem se deliciando com aquelas guloseimas” (FONSECA, 1997, p. 16) Porém, quando chegam ao colégio, a atitude melancólica do pai e a conversa discreta que tem com as freiras, demonstra, ao leitor, que ele agia como quem abandona alguém. Ele abraçara a filha duas vezes no trajeto até o colégio e mais uma, antes de ir embora. “[...] o pai, depois de abraçá-la com tanta força que a deixou sem fôlego, disse que ia comprar mais balas, foi embora e não voltou. Era um domingo e Dora só o veria novamente no domingo seguinte.” (FONSECA, 1997, p. 16). Esse afastamento entre os dois salienta o desgosto que o empresário sentia de não ter um filho homem. A auto-identidade de Dora, seu projeto reflexivo do eu, começa com uma rejeição por parte da figura paterna. Ainda, o desejo que o casal tinha de ter um filho do sexo masculino, que poderia dar continuidade aos negócios, representa o pensamento da sociedade do sujeito sociológico, na qual os homens sustentavam a família e por meio do trabalho. Ernestino demonstra esse pensamento, que se torna ainda mais enfático por ele não considerar, em nenhum momento, deixar seus negócios de herança para Dora.

O papel do corpo na construção identitária da criança torna-se cada vez mais importante no prosseguimento da narrativa. No colégio, ela deveria usar uniforme e outras peças de roupa padronizadas. “Sua roupa íntima – calcinhas largas de algodão, que com o tempo alargavam ainda mais, e camisolões de manga comprida fechados no pescoço (ela só usaria sutiã, também de algodão, anos depois) – era guardada numa mesinha alta de cabeceira [...]” (FONSECA, 1997, p. 16). Além disso, Dora e as outras crianças seguiam uma rotina rígida de atividades e realizavam rituais corporais para cumprimentar as freiras. Nesse momento do conto, constatamos que a menina estava desenvolvendo, com auxílio da educação escolar e religiosa, os regimes corporais, explicitados por Giddens (2002), que abrangem hábitos e costumes alimentares, sexuais, de vestimenta, higiene e também a postura

corporal, ao aprender as medidas. Lembremos que o teórico considera os regimes como elementos essenciais na construção da auto-identidade. A padronização da indumentária reforça um processo de homogeneização das identidades das meninas do internato, pois todas deveriam se vestir e se comportar da mesma forma. O momento do banho demonstra o conservadorismo dos regimes de higiene, dentro do colégio interno:

As alunas tomavam banho em boxes abertos, vestidas com uma camisola de algodão sem mangas e sem gola. Quando terminavam, uma freira colocava uma toalha aberta na frente do boxe para a aluna poder tirar a camisola e se enxugar sem que sua nudez fosse vista; depois a aluna punha um roupão e subia para o dormitório, se curvava ao lado da sua cama e vestia meio escondida o uniforme. Era um procedimento trabalhoso e desconfortável que Dora e muitas meninas realizavam, porém, com boa vontade. (FONSECA, 1997, p. 18)

Podemos observar que o autor destaca, no trecho acima, os meios pelos quais o corpo é escondido e protegido, inclusive no momento do banho. Dora e as outras crianças precisam esconder seus próprios corpos não somente dos outros, mas de si mesmas, aprendem a sentir vergonha deles. Contudo, a menina mostrará, mais à frente, como de fato os regimes corporais são apreendidos socialmente, mas podem ser reelaborados ou negados pelos indivíduos.

Apesar da rigidez do colégio interno, a filha de Ernestino consegue, então, traçar sua narrativa do eu especialmente porque seguia a rotina estabelecida pelas freiras. “Dora, que fora criada sem qualquer disciplina por um pai ausente e babás displicentes, apreciava os cerimoniais do colégio” (FONSECA, 1997, p. 17) Embora ela se sentisse abandonada pelo pai, a novidade do ambiente escolar passou a suprir, ao menos parcialmente, a necessidade de afeto e atenção que a criança sentia.

Então, o narrador insere Eunice na estória, a menina que será a amiga mais fiel e íntima da personagem principal. Elas são muito próximas e têm o costume de andarem de mãos dadas, desagradando as freiras que dizem que o comportamento delas é “bêlise” (tolice, em francês). As duas meninas se identificam tanto uma com a outra que, aos domingos, quando o pai de Dora e o guardião de Eunice as visitam, elas fazem questão de passarem também esse momento juntas. É notável um comentário do narrador “Eunice era órfã, e quem a visitava nos domingos era um guardião que a tratava com um carinho artificial.” (FONSECA, 1997, p. 18). Podemos

dizer que as duas meninas haviam sido emocionalmente abandonadas pelas figuras paternas, mesmo que ainda recebessem suas visitas. Retomamos mais uma noção de Giddens (2002), a de relação pura; certamente, a amizade entre as meninas, corresponde a esse tipo de relação interpessoal, o qual influenciou positivamente na construção auto-identitária de Dora.

Depois de anos no internato, elas precisam terminar os estudos em outras instituições e ficam separadas até a faculdade, onde se reencontram e cursam juntas a graduação em Direito. A amizade se fortalece e as duas decidem trabalhar em casos do direito da família, isso devido, certamente, à carência que ambas sentiram da convivência familiar, na infância.

Ernestino chega à velhice e, sentindo-se cansado e doente e diz que precisa de alguém que o substitua nos negócios. Assim, ele começa a pressionar Dora, pedindo que ela se case e dê um neto a ele. A moça sai com alguns rapazes, mas não se relaciona profundamente com ninguém. Então, ela e o pai descobrem que uma doença neurológica o acomete e que lhe resta pouco tempo de vida. Desde essa notícia, Ernestino passa a pedir com mais insistência por um neto, o que faz Dora sentir-se pressionada e triste. Nessa mesma noite, ela encontra Eunice; a roupa que vestem remete aos tempos de colégio interno, tamanha a influência da instituição em suas vidas:

A amiga mandara fazer calças largas de algodão iguais às que usavam no colégio de freiras, e que não existiam para ser compradas nas lojas. Vestidas apenas com essas calças, que apesar de toscas, ou talvez por isso, tornavam ainda mais atraentes os seus corpos delgados, as duas fizeram amor com um ardor muito intenso. (FONSECA, 1997, p. 20)

Nesse momento, descobrimos mais um elemento da auto-identidade de Dora: sua sexualidade; e ela aparece no conto de modo irônico. Isso porque, apesar de as duas moças terem passado boa parte de sua infância e adolescência em um colégio interno, em um ambiente no qual os valores mais conservadores, referentes à corporeidade, eram ensinados, as duas desenvolveram uma sexualidade que começa a se tornar menos reprimida apenas no contexto da modernidade tardia, devido às reivindicações de respeito das subjetividades sexuais oriundas do movimento feminista. Novamente, ao fazermos referência a Giddens, compreendemos que a sexualidade é um regime corporal muito complexo, o qual é

construído sob influência da sociedade, mas também realiza um percurso muito particular de acordo com as vivências de cada indivíduo.

Outro conceito giddensiano é reiterado nesse excerto da narrativa. Dora e Eunice são sujeitos que vivenciam uma relação pura, um tipo de relação interpessoal pertencente à alta modernidade, baseada na afinidade. Apesar da pressão do pai para que a filha siga um modelo de vida convencional, Dora demonstra que é um sujeito agente, pois é capaz de definir os rumos de sua vida a partir de escolhas que pode fazer. Ela é quem decide sua profissão e escolhe com quem irá se relacionar emocionalmente e sexualmente.

Ainda na mesma noite, durante o encontro amoroso, as amantes conversam sobre a vontade do pai de Dora e expressam a frustração de não poderem constituir uma família. Percebemos que o desejo de Ernestino representa um empecilho à concretização do amor das moças. O assunto permanece como um problema para as moças durante um tempo, pois elas desejavam que Ernestino morresse feliz e, segundo o narrador, “[...] a maneira de resolver esse delicado e angustiante problema era sempre a mesma, uma solução final, por elas considerada um gesto de amor absoluto. A morte era sempre uma bênção para os doentes desenganados.” (FONSECA, 1997, p. 21). Assim, durante as férias do enfermeiro do empresário, Dora se oferece para cuidar do pai e, depois de um mês ele morre. A filha passa por um doloroso período de luto e, após a fase mais difícil da perda, ela e Eunice resolvem adotar um menino a quem deram o nome de Ernestino. Ironicamente, a noção de família, destacada inclusive no título da narrativa, concretiza-se para Dora somente quando ela e a amada conseguem ficar juntas, adotando uma criança, e não a partir da convivência com o progenitor.

No conto, a figura do pai de Dora personifica a sociedade do sujeito sociológico, na qual a vida dos indivíduos era pautada por práticas relativamente estáveis, cujas relações interpessoais eram mediadas por interesses externos. Nessa narrativa, o interesse externo era a necessidade de Ernestino em ver sua filha casada com um homem e de ter um neto dando continuidade aos negócios da família. Acreditamos que o contexto do conto representa um momento de transição entre o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno, pois Dora representa o sujeito da modernidade tardia que vive em um mundo no qual a mulher encontra possibilidades de estilos de vida, antes inexistentes, pois ela deveria dedicar-se completamente ao marido, ao filho e aos afazeres domésticos. Retomamos aqui o

conceito de estilo de vida, de Giddens (2002), que significa não apenas ter atitudes e hábitos particulares, mas também ter a oportunidade de escolher quem ser a fim de alcançar a auto-realização pessoal. A personagem optou por ser autêntica consigo mesma no desenvolvimento do percurso da narrativa da auto-identidade.

O fato de Dora matar o próprio pai indica não somente a morte material do progenitor, mas também a morte da pressão externa que tentava fazê-la seguir padrões sociais que sufocavam sua subjetividade. Obviamente, a resolução do problema, criada por Fonseca (1997), para a personagem, representa uma atitude insensível e amoral. Todavia, é justamente esse caráter negativo que enaltece a trajetória da personagem relativamente ao contexto social da obra literária em questão. Sendo uma figura típica do universo ficcional fonsequiano, como Dora poderia agir de outra forma senão representando o sentimento de marginalidade de indivíduos pertencentes a uma sociedade na qual sua sexualidade não se encaixa nos padrões heteronormativos? Ela passa de vítima do pai a algoz. Porém, a diferença entre essa personagem e muitos outros dos contos do autor, é que Dora demonstra algum escrúpulo e sentimento de culpa logo após cometer o homicídio.

O foco narrativo na terceira pessoa do singular e a quase inexistência de diálogos reiteram a estilística habitual de Rubem Fonseca (1997), pois o conto desenvolve-se de modo objetivo e preciso. A narrativa sutil conduz o leitor à empatia com Dora e Eunice. Os fatos expostos pelo narrador, de forma trivial, parecem compor uma estória inofensiva, porém, preparam o interlocutor para a crueza e intensidade das últimas situações do conto. A sensação provocada pelo fim da narrativa certamente gera perplexidade no leitor que, acreditando estar lendo somente uma simples história de amor (vide título da coletânea no qual a obra está inserida), depara-se com um desfecho aparentemente feliz, mas que retrata a natureza ambígua do ser humano.

3.5 A MANIPULAÇÃO DO CORPO

Analisamos, no conto *Gordos e magros*, a identidade do personagem-narrador Leandro, um professor de ciências. Ele inicia sua narração tentando convencer o leitor de que toda a estória a seguir será verdadeira, exceto o nome Chocolaterie, da loja de chocolates, inventado por ele mesmo. Percebemos, mais à

frente, porque o personagem afirma com veemência a veracidade dessa narrativa, no contexto ficcional.

Leandro, então, narra seu costume de tomar o saboroso chocolate da Chocolaterie e observar os corpos das outras clientes, em sua maioria gordas. Em um desses dias, ele conhece uma bela mulher, Jéssica, com quem começa a conversar. Ele fica impressionado com o fato de ela ser tão magra, mesmo comendo chocolates todos os dias. A amizade se fortalece pelos encontros na loja e, um dia, o personagem-narrador resolve contar à amiga que está apaixonado por ela. Jéssica fica surpresa e comenta que precisa dizer algo importante ao amigo, porém, antes de falar, ela vai embora, repentinamente. Nesse momento, a identidade de Leandro, até então incompleta para o leitor, é revelada.

Sim, eu sei que andava como um pingüim e era uma pessoa... digamos, rotunda, por isso deixava sempre Jéssica sair na frente. Jéssica dissera, tenho que lhe confessar uma coisa, e eu sabia o que ela queria dizer e não tinha coragem: você é muito gordo, eu não posso namorar uma pessoa assim.

Preciso emagrecer, pensei. (FONSECA, 2011, p. 149)

Até esse ponto da narrativa, Leandro escondera do leitor a sua condição física e, além disso, demonstrava sem censuras a sua aversão à corpulência das mulheres que encontrava na Chocolaterie. “As nádegas cada vez mais globulosas, a pneumaticidade chocante das cinturas [...] as esfericidades agressivas dos seios, os grossos braços cheios de celulite. Ficava imaginando como seriam as coxas delas: um horror. (FONSECA, 2011, p. 146)

Ao retomarmos o conceito de auto-identidade, com relação a esse personagem, percebemos que sua integridade corporal está abalada, refletindo negativamente na construção reflexiva da narrativa do eu. O fato de ser gordo o incomoda e o faz sentir repulsa pela sua condição, a qual se reflete também na repugnância à aparência corporal das pessoas que o rodeiam. Ao mesmo tempo em que nega a si mesmo na figura das clientes gordas, ele projeta a imagem desejada e perfeita de si mesmo na figura de Jéssica, a mulher magra e que come chocolates todos os dias.

Relacionando a corporeidade de Leandro à noção giddensiana de identidade e corpo, sendo a matéria física e biológica um meio de interação entre o indivíduo e o mundo e um elemento fundamental no desenvolvimento auto-identitário, podemos afirmar que o professor tem sua segurança ontológica abalada pela sua obesidade.

Quando diz ter vergonha de ser visto andando como um pinguim, o personagem demonstra a tentativa de esconder um lapso corporal, já que andar de modo desajeitado não condiz com a imagem de uma pessoa segura. Ele justifica a rejeição sofrida considerando as noções ideais de corpo legitimadas pela rede simbólica na qual está inserido. Em outras palavras, a sociedade representada no conto propaga valores nos quais ser gordo é motivo de vergonha que leva ao isolamento social e à debilitação da identidade. Então, para Leandro, uma mulher bonita e bem-sucedida jamais poderia envolver-se amorosamente com um rapaz cuja aparência física não corresponde aos padrões estéticos ditados pela sociedade.

Outra característica importante do professor é a mania de explicar detalhadamente objetos e eventos, segundo ele, comum à profissão. Essa racionalidade enaltece a personalidade analítica e, até mesmo, calculista do personagem. Esse elemento também terá reverberações no prosseguimento da narrativa.

Sentindo-se rejeitado, Leandro procura um médico, disposto a realizar o procedimento mais eficaz para emagrecer muito e de forma rápida, e planeja voltar à Chocolaterie para exibir a nova forma à amada. Nesse momento da estória, a sagacidade do personagem fica ainda mais evidente, pois ele presta atenção aos mínimos detalhes que o médico informa a fim de optar pelo melhor procedimento e tirar todas as vantagens possíveis. A informação mais importante refere-se à gastroplastia “O paciente pode apresentar diarréia ao ingerir alimentos gordurosos e ter desnutrição proteica, mas isso pode ser remediado.” (FONSECA, 2011, p. 150) Leandro decide então submeter-se a essa cirurgia e, depois de alguns meses emagrecera vertiginosamente e “vivia com diarréias” (FONSECA, 2011, p. 150). Subentende-se que o professor manifestava uma das reações indicadas pelo médico como possível efeito colateral propositadamente, a fim de emagrecer de forma mais rápida, mesmo sabendo do perigo para a saúde.

Sendo a representação de um sujeito inserido no contexto na alta modernidade, Leandro foi capaz de escolher o estilo de vida mais adequado à coerência da sua auto-identidade, estilo esse que certamente participava da construção de sua aparência corporal. O regime alimentar do professor, antes da cirurgia (a ingestão constante de chocolates), fortalece a imagem da obesidade, em um contexto social marcado pela falsa ideia de que uma pessoa gorda se alimenta apenas de guloseimas ou de modo irresponsável. Curiosamente, o personagem não

escolhe modificar esse hábito, mesmo sabendo das noções sociais implicadas nele, pois o interesse não envolvia uma melhora em sua saúde (além, obviamente, da transformação na aparência), a motivação foi puramente estética. Provavelmente, ao se deparar com Jéssica, uma pessoa com um regime alimentar semelhante, e magra, ele acreditava que deveria conseguir manter sua rotina alimentar e possuir a mesma aparência física que a amiga. Portanto, Leandro usa da possibilidade concernente a um sujeito pós-moderno de modificar seu corpo, porém, manipulando friamente a sua compleição física por meio dos recursos médicos disponibilizados pelos avanços tecnológicos e do conhecimento humano emergentes na modernidade tardia.

Finalmente, esbelto e satisfeito consigo mesmo, Leandro reencontra a amiga, que o recebe com um beijo e um elogio à nova forma física. Em seguida, o segredo da moça adentra à Chocolaterie: Íris, namorada de Jéssica. A ideia fixa da rejeição e todo o processo de emagrecimento agora se transformam em amarga desilusão para o professor. O personagem-narrador percebe o equívoco que cometera, afinal, a mulher por quem era apaixonado preferia se relacionar com mulheres, e em nenhum momento o rejeitou devido à obesidade. A estória termina com um comentário estupefato sobre a situação “Eu não queria deixá-las por um minuto sequer, estava feliz na companhia daquelas duas belas mulheres. Feliz, porém frustrado. Dois sentimentos conflitantes. Não estava feliz porra nenhuma.” (FONSECA, 2011, p. 152)

Ao analisarmos a narrativa completa, constatamos que as modificações corporais e a tentativa da criação de uma nova identidade, por parte de Leandro, evidenciam como os sistemas especializados possuem uma natureza instável, noção esclarecida por Giddens (2002). Na alta modernidade, um sistema especializado como a medicina elabora suas práticas por meio de um processo reflexivo e os indivíduos depositam sua confiança na rede de conhecimentos gerados pela área, a fim de se sentirem seguros durante a trajetória de construção da narrativa do eu. Entretanto, os tempos contemporâneos revelam a impossibilidade do conhecimento técnico e especializado em garantirem, com total convicção, a segurança ontológica dos sujeitos. Tanto a identidade quanto os saberes humanos estão sob influência de acontecimentos contrafactuais, visto que localizam-se em um contexto de vida no qual os indivíduos desenvolvem seus projetos pessoais à luz de práticas reflexivas, portanto, mutáveis. O percurso de

Leandro, no conto, enfoca justamente essa questão, pois a atitude racional e calculista desse personagem comprova-se insuficiente para proporcionar e manter a auto-realização tão almejada por ele. De fato, o padrão de beleza e de normalidade impostos pela sociedade, e os meios para alcançá-los, mostram sua faceta perversa quando percebemos que imagem corporal de Leandro foi modificada, porém, essa transformação não contribuíra para sua segurança ontológica e sua satisfação como indivíduo.

O percurso narrativo composto por Fonseca (2011) enfatiza a absurdidade dos fatos em *Gordos e magros*. Em uma narrativa linear, com foco narrativo na primeira pessoa do singular, a trajetória do personagem é delineada de modo ao mesmo tempo mordaz e compassivo. Leandro é narrador de sua própria estória e, apesar de manifestar suas impressões mais mordazes sobre os outros, ele consegue estabelecer uma empatia com o leitor. Justamente pelo seu senso de humor refinado e sua retórica envolvente, no início da narrativa, o interlocutor é convencido a acompanhar o desfecho de sua estória.

Fonseca (2011) apresenta-nos um personagem-narrador muito seguro de si, no princípio da narrativa, retratando-o como uma figura intelectual e perspicaz. Contudo, no decorrer dos fatos, ele vai-se humanizando ao expor suas fragilidades e seu acanhamento. É como se ele se transformasse, de fato, em outra pessoa. O autor continua a composição sincronizando de modo bastante conciso a sintaxe narrativa e a trajetória de Leandro. O início do conto é mais lento, devido às exposições prolixas do professor. Entretanto, o ritmo da estória torna-se cada vez mais rápido e objetivo; se antes debochado e zombeteiro, depois adquire um aspecto de amargura e melancolia, tendo um desfecho trágico.

Acreditamos que o autor empreende uma crítica social pela maneira que descreve as situações. Começando pelo título, os vocábulos “gordos” e “magros” indicam um modo de categorização dos indivíduos: uma pessoa é gorda ou magra e será considerada em seu meio social a partir dessa constituição física. Esse título representa uma prévia do conflito de identidade sofrido pelo personagem central, devido ao ideal de beleza fomentado por uma sociedade na qual sujeitos magros são geralmente considerados mais belos.

A reflexão sobre os padrões estéticos é proposta por Rubem Fonseca desde o primeiro parágrafo do conto. O personagem-narrador afirma com veemência que sua estória é verídica porque os fatos que se seguirão ganham uma dimensão tão

absurda que poderiam parecer mentira. O autor, por meio da voz narrativa, pretende justamente construir um percurso ficcional que evidencie quanto os padrões estéticos contemporâneos podem se tornar opressores. Leandro representa o sujeito da alta modernidade que é, ao mesmo tempo agente, pois pode escolher as particularidades de sua auto-narrativa, e também sujeito vitimado pelos mecanismos da sociedade que tentam categorizar os indivíduos limitando suas identidades às suas corporeidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvemos, neste capítulo, uma síntese do estudo, a fim de compreender as semelhanças e as diferenças das representações dos personagens principais analisados nas seções anteriores. Além disso, apresentaremos uma breve comparação do trabalho formal/estético desenvolvido por Rubem Fonseca nos contos em questão, buscando evidenciar a poética da escrita ficcional do autor. Finalmente, no desfecho desta pesquisa, avaliaremos de que modo as análises convergem com a fundamentação teórica subjacente, justificando porque as figuras ficcionais investigadas no contexto ficcional podem ser consideradas representações literárias dos sujeitos contemporâneos.

Acreditamos que a identidade das personagens Elza Wierck e Dora, pertencentes, respectivamente, aos contos *Duzentos e vinte e cinco gramas* (2009) e *Família* (1997) caracterizam-se como representações de sujeitos pós-modernos que, apesar das influências sociais nas trajetórias individuais, conseguiram aproximar-se da auto-realização durante a construção do projeto reflexivo do eu, no caso, a narrativa da auto-identidade. Podemos realizar essa afirmação porque ambas conseguiram desvencilhar-se dos padrões sociais predestinados à figura feminina, isso, obviamente, não sem obstáculos. Após sua morte, Elza foi objeto de julgamento de figuras masculinas, as quais se depararam com novos papéis possíveis para homens e mulheres. A empresária impôs-se em sua liberdade, mesmo sendo mulher, de quem se esperava, considerando o contexto de escrita do conto, que se dedicasse à vida doméstica e familiar. Dora teve de encontrar-se com sua sexualidade mesmo sob a insistência do pai que também esperava dela uma identidade construída sobre as bases de um conceito possível, porém, limitante para o gênero feminino. Ambas demonstram a crise de identidade surgida no contexto da modernidade tardia, explicitada por Hall (2006). Tal crise desloca as identidades, pois faz emergir a multiplicação dos papéis sociais dos indivíduos da modernidade tardia. Essa constante modificação dos sujeitos, ou a inserção em diferentes contextos, que demandam deles posturas sempre diferenciadas, é explicada pelo conceito de reflexividade, de Giddens (2002). As pessoas avaliam e reavaliam suas práticas, influenciam a organização coletiva por meio de suas ações; a sociedade, por sua vez, também protagoniza processos de transformações reflexivas e continua

a influenciar os seus membros, completando, assim uma atividade cíclica de renovação da vida coletiva e individual. Constatamos que as duas personagens analisadas caracterizam-se como representações de sujeitos contemporâneos agentes no que se refere ao poder de decisão do qual se utilizaram no desenvolvimento de suas trajetórias pessoais.

Entretanto, não podemos afirmar o mesmo dos personagens analisados em *A opção* (1995) e *Gordos e magros* (2011). A criança, da primeira obra, não pôde optar pelo corpo que gostaria de ter e que iria acompanhá-lo por todo o desenvolvimento da sua narrativa da auto-identidade e, menos ainda, não teve a oportunidade de escolher pelo corpo que poderia corresponder à sua sexualidade e identidade de gênero. Isso, pois o grupo social em que estava inserida preferiu impor-lhe a definição corpórea, acreditando que ela não poderia optar naquele momento e seria incapaz de sentir-se realizada, futuramente, caso não apresentasse uma corporeidade objetiva e estável. Nesse sentido, o paciente representa um sujeito oprimido pelas dúvidas e medos de uma sociedade que não consegue compreender como um ser humano pode ser feliz caso não se encaixe em padrões pré-determinados de identidade. Ele personifica a qualidade móvel e até enigmática da constituição identitária e ressalta a dimensão negativa do corpo instável no contexto social. Enquanto isso, o personagem Leandro, mesmo podendo decidir livremente os passos de seu projeto reflexivo do eu, ironicamente, torna-se vítima das próprias possibilidades e chances de transformações do eu, típicas do mundo ocidental contemporâneo. O professor avaliou sua identidade a partir de conceitos bastante restritos de aparência corporal, legitimados pela sociedade retratada no conto. Ele de fato realizou um processo reflexivo sobre sua constituição individual; constatou que sua obesidade o impedia de realizar-se emocionalmente. Todavia, tal constatação foi erroneamente conduzida por impressões pessoais e pelo pensamento do senso comum que defende que ser gordo é um grande defeito. Ainda sem saber que acreditava em algo que não era verdade (que havia sido rejeitado devido à obesidade), ele realizou uma modificação corporal que lhe trouxe a auto-realização momentânea. A narrativa auto-identitária de Leandro não seguiu um percurso de emancipação do indivíduo, mas, sim, de mais aprisionamento. O personagem teve à disposição os recursos tecnológicos e a liberdade de assumir uma nova imagem corporal que o levaria a atingir a identidade desejada, porém, percebemos a infelicidade do professor no desfecho da estória.

Um dos pontos de convergência observados nos quatro textos refere-se à constituição identitária dos sujeitos. Considerando que Rubem Fonseca escreveu todos os contos em um período de 50 anos e que a literatura reflete e refrata os grandes questionamentos sociais e humanos do contexto histórico do artista, podemos afirmar que Elza, Dora, a criança e Leandro configuram-se como representações de sujeitos contemporâneos. Essa constatação confirma-se quando articulada aos aportes teóricos utilizados neste trabalho. Os quatro personagens evidenciam a crise do sujeito sociológico e o paradigma insurgente do sujeito pós-moderno, uma vez que suas trajetórias individuais, se não seguem um projeto reflexivo (como no caso de *A opção*), ao menos sofrem a influência das múltiplas funções e contextos sociais próprios da alta modernidade e vivenciam a complexidade da constituição corpórea enquanto elemento central na construção da identidade e das relações interpessoais. Em *Duzentos e vinte e cinco gramas*, *A opção* e *Família*, o regime corporal da sexualidade representa o enfoque da construção identitária. A aparência física e a preocupação com a estética são o mote em *Gordos e magros*. Além disso, todos os contos revelam o processo de retroalimentação entre as práticas individuais e coletivas, característica intensificada no período da alta modernidade.

Ainda, constatamos uma unidade no trabalho formal de Fonseca. Em todos os contos, inclusive no mais recente, o escritor utiliza a linguagem de modo objetivo e claro. Justamente por isso, suas histórias adquirem profundidade, pois os fatos mais cruéis, absurdos ou amorais são escritos de modo simples, porém, incisivo. Todas as narrativas são curtas e intensas, o que demonstra um processo de lapidação estética e temática por parte do autor. Parece que Fonseca deseja apresentar ao leitor apenas o mínimo necessário, utilizando-se de poucas descrições. Essa precisão valoriza as contradições e os vícios humanos, pois os coloca em primeiro plano. Evidentemente, encontramos diferenças na construção narrativa dos textos analisados. Em *Duzentos e vinte e cinco gramas* e *A opção* a presença maciça de diálogos compõe a maior parte do tecido ficcional enquanto a figura do narrador, mesmo onisciente, é inserida discretamente, entremeando os fatos. Já em *Família*, os personagens não possuem voz ativa, ao contrário do narrador que apresenta a sua versão da história e relata todos os acontecimentos. Por último, em *Gordos e magros*, Fonseca (2011) aproxima o leitor da história por meio de um personagem-narrador que não somente narra um evento ocorrido consigo, mas também se

arrisca a propor uma reflexão sobre a escrita ficcional. Ainda, vale um comentário sobre o recurso mais frequente nos contos: a ironia. Por meio desse artifício, Fonseca provoca a reação do interlocutor e o impele a tomar posição diante da estória que lê. Além disso, essa figura de linguagem compõe as lacunas que garantem a riqueza de sentidos no texto, estabelecendo os subentendidos e permitindo diversas interpretações.

De fato, tanto os primeiros contos escritos por Rubem Fonseca quanto os mais recentes, demonstram que o autor conquistou seu espaço na contística brasileira e merece ser lido e estudado. Nesta pesquisa, empreendemos uma análise que acreditamos evidenciar o diálogo entre a arte literária e a sociedade. Contudo, defendemos que outras leituras seriam igualmente valorosas; optamos por essa porque é gratificante perceber que um dos contistas mais ativos do nosso país continua desenvolvendo obras que retratam de modo artístico uma perspectiva pela qual podemos olhar e tentar compreender não somente nossa sociedade, mas, também, nossa natureza humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: _____. **O conto brasileiro contemporâneo**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

BAUMEISTER, Roy. F. **How the self became a problem**: a psychological review of historical research. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 52, n. 1, 1987, p. 163-176. Disponível em: <<http://persweb.wabash.edu/facstaff/hortonr/articles%20for%20class/Baumeister%20self%20as%20problem.pdf>>. Acesso em 09 ago. 2013.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. 5. ed. v.6 : pt. III : Relações e perspectivas São Paulo: SP: Global, 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz. C; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 151-170.

FONSECA, José Rubem. Gordos e magros. In: _____. **Axilas e outras histórias indecorosas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. Família. In: _____. **Histórias de amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. Duzentos e vinte e cinco gramas. In: _____. **Os prisioneiros**. Rio de Janeiro, RJ: Agir, 2009.

_____. A opção. In: FONSECA, José Rubem; SCHNAIDERMAN, Boris. **Contos reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul; CARRERO, Vera Porto. **Michel Foucault ; uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1995.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984

_____. ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa; ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **As dimensões institucionais da modernidade**. In: _____. *As conseqüências de modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOMES, Ivan; ALMEIDA, Felipe; VAZ, Alexandre. **Sobre corpo, reflexividade e poder**: um diálogo entre Anthony Giddens e Michel Foucault. *Política & Sociedade*, v. 8, n. 15, p. 299-319, out. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2009v8n15p299/11047>>. Acesso em 01 ago. 2013.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIDAL, Ariovaldo José. **Roteiro para um Narrador**: uma leitura dos contos de Rubem Fonseca. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

ANEXO A - Conto *Duzentos e vinte e cinco gramas*

Na sala grande dois homens, ainda jovens, sentados, esperando. Estava um em cada canto da sala e não se olhavam, como se um temesse que o outro rompesse o seu isolamento.

Vigiavam uma das portas. A outra que tinha na sala era do elevador; no painel em cima estava aceso o número 1. O elevador também esperava.

Isso durou um longo tempo – o silêncio e a absoluta imobilidade dos homens; até que um deles verificou, sem virar a cabeça, que a luz do painel começou a correr para a direita, 2—3—4—5. A porta do elevador abriu e surgiu um terceiro homem, também jovem, que caminhou até o centro da sala e parou indeciso. Os dois homens sentados não tomaram conhecimento da sua presença. O que acabara de chegar correu os olhos pela sala.

“Não há ninguém para atender?”, perguntou.

Os outros dois não responderam.

Ele insistiu: “Tem que haver alguém”, e começou a andar pela sala impacientemente. “Isso parece um cemitério”; ao dizer isso parou momentaneamente. Os outros dois continuavam em silêncio, imóveis, como se fossem de pedra. Os outros dois continuaram em silêncio, imóveis, como se fossem de pedra. O que havia chegado por último começou a bater palmas.

Atendendo ao seu chamado, um homem de avental branco abriu a porta e perguntou:

“Sim?”

Os três homens olharam-no. O último a chegar disse:

“Eu quero falar com o diretor.”

“Ele não está.”

“O legista está?”

“Qual deles? Temos vários legistas”, disse o homem de avental branco.

“O que está fazendo a autópsia.”

“Que autópsia? Umas quatro autópsias vão ser feitas hoje”, respondeu o homem de avental branco.

“A autópsia da dona Elza Wierck”, disse o visitante em voz baixa.

Os outros dois olharam-no surpreendidos.

“Vou ver se ele pode falar com o senhor.”

A porta fechou-se e os três ficaram sozinhos.

“Elza era sua parenta?”, perguntou um deles.

“Eu também vim saber da Elza”, disse o outro.

“Parece que nós três viemos por causa de Elza”, disse o último. “Eu pensava que era o único – o único, ahah, amigo de Elza. Ela era muito expansiva e alegre: eu sabia que havia, posso ser franco? – outros, mas não me importava.” Além do mais, tinha o seu trabalho, não podia nem tinha tempo para laços mais íntimos. Só pensava a sério mesmo na sua indústria.

“Indústria?”

“Eixos de manivela.”

“Eu fabrico solda cáustica”, disse um deles.

“É estranho”, disse outro.

“O quê?”

“O fato de sermos três, amigos, hum, íntimos, de Elza. Eu fico um pouco chocado com isso, sabem? Chocado não, surpreendido. Vocês não ficam?”

Antes que os outros respondessem, continuou:

“O meu negócio é vidro plano, duplicamos a nossa produção no último semestre. Estamos fazendo vidro melhor do que o belga.”

Os três olharam-se respeitosamente: eram homens jovens, irradiando segurança e sucesso. Pertenciam ao mesmo mundo.

Nesse instante chegou o legista.

“Boa tarde. Em que posso servi-los?”

“Nós somos amigos, éramos amigos da dona Elza Wierck, a moça que foi—“

“Lamentável”, disse o legista, “lamentável. Podre moça! Prenderam o tarado que a matou, não prenderam? Era o namorado, não era?”

“Nós éramos amigos dela.”

“Ela não tem parentes?”, perguntou o legista.

“Não sei”, respondeu um dos jovens senhores.

“Acho que não”, disse outro.

“Ela era suíça”, disse o legista, esfregando as mãos como se estivesse muito satisfeito em ouvir aquilo. “Uma linda mulher”, continuou, “pode-se ver, mesmo agora.”

“O senhor já fez a autópsia?”

“Não, não, ia iniciá-la quando me chamaram.”

“Nós viemos aqui—“

“Já sei”, cortou o legista, “os senhores querem assistir à autópsia.”

Os três homens olharam-no como se estivessem assombrados com aquela sugestão. Mas o legista não pareceu notas, pois disse:

“Não sei se os três poderiam entrar; isso é muito irregular.”

“Bem”, disse alguém, “não há necessidade; se não pode não pode – não vamos romper os regulamentos.”

Novamente o legista deixou de notar o alívio estampado no rosto dos três homens. “Nós sempre fazemos exceção para os parentes”, disse.

“Não somos parentes.”

“A podre moça não tem parentes no país, os senhores mesmo disseram. Coitada. Os senhores são como se fossem seus parentes; afinal, são amigos. Eu não sou daquele tipo de funcionário burocrático escravo dos regulamentos. Sou um médico – vejo o lado humano das coisas; para mim os regulamentos não podem ser obedecidos cegamente. Eu lhes digo o que vou fazer: permitirei a entrada de um dos senhores, para que assista a esta tarefa, que, infelizmente, tem que ser executada, está na lei.”

“Mas é necessário?”

“Imprescindível”, disse o legista. “O auto de exame cadavérico é peça essencial do progresso. A autópsia tem que ser feita.”

Os três homens, que começavam a falar, silenciaram abruptamente.

“Qual dos três? Ela está esperando.”

“Qualquer um de nós...”, disse um deles.

“Decidam”, disse o legista.

Os três olharam-no como temor.

“Então?”

Silêncio.

“Eu vou”, disse um deles, encarando os outros, que desviavam os olhos.

Chegaram ao local da autópsia. Deitada numa mesa de mármore estava uma mulher vestida de saia, blusa de seda estampada, sem sapatos. Sua cabeça apoiava-se num toco de pau com uma meia-lua onde se inseria a nuca. Perto da mesa estava um enfermeiro. Além, sentado numa mesa, um escriturário.

“Primeiro temos que tirar a roupa dela”, disse o legista.

Tiraram a saia, a blusa, as peças íntimas.

“Uma saia de – que material é esse? Tergal? – de tergal, uma blusa de seda estampada, sutiã de náilon, uma calça de náilon. Temos que tomar nota de tudo”, disse o legista olhando para o escriturário que escrevia, “para o laudo. O laudo tem que ser completo.”

A mulher agora estava completamente nua na mesa de mármore.

“O homem queria mesmo matar”, disse o legista, olhando o corpo profissionalmente. “Veja quantas facadas.” Os ferimentos, como se fossem desenhos, espalhavam-se pelo corpo.

Lavaram o corpo. Uma água avermelhada descia pela calha que rodeava a mesa e ia sendo depositada num recipiente no chão. O corpo ficou limpo, cor de mármore.

Como um estilete graduado, o legista começou a medir os ferimentos. “Um com três centímetros na face externa do terço superior do braço esquerdo.” O escriturário tomava nota. “Um na região axilar esquerda, dois centímetros e meio, perfurante. Dois na face interna hemitorácica esquerda, cada um com quatro centímetros.” O legista enfiava o estilete nos ferimentos e olhava cuidadosamente as marcas do instrumento. “Parece que estou matando-a novamente, não parece?”, perguntou sem olhar o estranho do lado.

O corpo da mulher foi virado e revirado, pesquisado. Era um corpo longo, forte, de seios pequenos. Os cabelos do púbis eram claros e raros. A boca estava aberta, os dentes da frente aparecendo entre os lábios verde-roxos; um rosto duro.

“Você aguenta?”, perguntou o legista. Um sorriso leve perpassou pelos seus lábios. “Afinal, você era amigo dela...”

Cuidadosamente o enfermeiro repartiu o cabelo da mulher.

Enquanto isso, o legista, num gesto longo, firme e contínuo, com o bisturi cortou o corpo num fundo traço longitudinal, da garganta à região pubiana.

A carne do peito foi puxada violentamente para os lados, desprendida dos ossos, deixando-os à mostra.

“Depois cose-se tudo”, explicou o legista, “a reconstituição é perfeita. A linha aparece, é claro.”

O legista apanhou uma tesoura, como essa de cortar rosas, um pouco maior. “Costetomo”, disse ele, mostrando o instrumento. “Como o nome indica, serve para cortar costelas.”

Com o costetomo o legista iniciou o seu trabalho. Os ossos eram partidos com um som seco. Apareceram os pulmões, o coração.

O enfermeiro levantou a cabeça da mulher e com um bisturi cortou o couro cabeludo na base do crânio; enfiou os dedos da mão direita na fenda que fizera e com um golpe rápido arrancou o couro cabeludo, que se soltou do crânio rangendo, como papelão colado se desprendendo de uma parede.

O crânio nu parecia um enorme ovo amarelo.

“Agora estamos preparados”, disse o legista.

“Começaremos pela cabeça, como manda a boa técnica.”

Com um serrote, o enfermeiro começou a serrar o crânio.

“Nós antes tínhamos uma serra elétrica”, disse o legista. “Mas não havia jeito do enfermeiro trabalhar direito com ela: um dia encrencou, a roda dentilhada se desprende e saiu rodando por aí, saiu pela porta, desceu as escadas, eh eh!” O enfermeiro olhou para o legista que continuou: “ Por isso usamos ainda o serrote. É rudimentar, reconheço, porém prático”.

A calota craniana foi completamente serrada. De dentro foi retirada uma massa alabastrina, uma opaca medusa: “Encéfalo – um quilo, duzentos e setenta gramas”, pesou o legista numa balança sobre uma mesa próxima.

De dentro do corpo os órgãos eram tirados e atirados na balança.

“Fígado – um quilo e cem gramas. Ela não bebia, certamente, tivemos um aqui, outro dia, com dois quilos e tanto, hein?”, disse o legista para o enfermeiro.

Com a mão enluvada, o legista agarrou o pulmão e tentou arrancá-lo de um só golpe. Não conseguiu da primeira vez. Tentou com as duas mãos e conseguiu.

“Transfixado o esquerdo no hilo, no lobo superior e inferior; o direito no ápice.”

O legista curvou-se sobre o baixo-ventre da mulher. Arrancou outro órgão: “Útero – pequeno e vazio. Vazio”, repetiu ele, olhando o homem ao seu lado.

Enquanto isso, com uma concha, o enfermeiro começou a retirar o sangue da cavidade torácica e a vertê-lo dentro de vasilhames de vidro graduado, dizendo: “Seiscentos e cinquenta centímetros cúbicos na cavidade pleural direita; quatrocentos centímetros cúbicos na cavidade pleural esquerda”.

“Morreu de hemorragia interna e externa. ‘A vida de toda carne é o sangue’, está nas escrituras. Foi atingida a subclave esquerda.”

Nas mãos enluvadas o legista segurou o coração da mulher. Parecia uma pera; escuro.

“Duzentos e vinte e cinco gramas”, disse ele, pesando na balança. “Não foi atingido.”

Os órgãos foram fotos jogados de volta, para dentro do corpo. O encéfalo posto dentro do crânio, o couro cabeludo puxado para trás e cosido também. O rosto da mulher surgiu novamente, olhos abertos, boca aberta.

“Acabou”, disse o legista.

“Fiquei até o fim”, disse o homem que assistia.

“Ficou, ficou sim”, disse o legista, tentando disfarçar o desapontamento de sua voz.

“Agora vou-me embora”, continuou o homem, falando baixo.

“Vai, vai”, disse o legista, com certo desalento.

Os dois olharam-se nos olhos, com um sentimento escuro, viscoso, mau.

O homem começou a sair da sala de autópsias. Os dentes cerrados, só pensava numa coisa: “não posso correr, não posso correr”; andava lentamente rígido, como um soldado de regimento inglês desfilando.

Quando chegou na sala de espera, a mesa estava vazia. “Foram embora”, murmurou entre dentes, “foram embora.”

Desceu pelo elevador.

Na porta da rua o sol bateu em cheio no seu rosto. Ele fechou os olhos e cobriu-os com as duas mãos. Disse: “putaquepariu”, ainda com as mãos no rosto. Abriu a boca como se estivesse com falta de ar. Isso por poucos segundos. Logo em seguida descobriu o rosto, olhou para os lados para ver se alguém o observava e compôs a fisionomia.

ANEXO B – Conto *A opção*

Disse o professor Danilo: “Existem pelo menos quatro tipos de sexo: o jurídico, o anatômico, o gonádico e o psicológico. As palavras macho, fêmea, homem, mulher são meros símbolos representando uma realidade que não existe.

Danilo correu os olhos pela sala.

Sentados ouvindo: primeiro, Duarte; Fernando Azevedo e Mírian.

“Este caso é diferente de um outro que trouxe aqui anteriormente. Mas o problema era o mesmo: qual o sexo que nós vamos determinar, escolher para o paciente? Sobre aquele caso eu não tinha dúvidas porque *ele* não tinha dúvidas. Você se lembra, Fernando?”

Fernando: “Era um garoto inteligente. Me disse: ‘Se resolverem que vou ser mulher eu me mato’.”

Danilo, selecionando slides: “Ele me disse a mesma coisa. Dizia isso para todo mundo. Sabia o que queria. Psicologicamente era homem; juridicamente era mulher. Chamava-se Nair, que é um nome mais ou menos neutro”.

“Ele sabia para que tinha vindo aqui?”

“Acho que os pais disseram.”

“Possivelmente uns imbecis”, Duarte rindo.

E Mírian, envolta em suas sombras (*mundo pequeno este!*).

“Possivelmente. Mas você concorda que fizeram uma coisa inteligente registrando o garoto como Nair; caso se chamasse Marlene teria problemas quando foi para o colégio, de calças. Ele exigiu calças, e os pais concordaram. Talvez não fossem tão imbecis.”

“Ele inventava coisas. Ajudou a nossa, a sua...”

“A nossa...”

“A nossa decisão”, disse Fernando.

“Este caso é diferente”, Danilo. “Ela não”.

“Ela”, Duarte. “Isso significa –”

“Sei aonde você quer chegar. Não significa coisa alguma. Não posso dizer *it* ou *das*, a língua não deixa. E se deixasse também não usaria.”

“A última flor do Lácio, inculta e bela...”, disse Duarte. “O doutor Roux –”

“O doutor Roux fica para depois; você quer falar sobre o último livro que leu, mas agora não.”

“Eu quis estabelecer –”

“Depois, depois. Mas perdi: onde é que eu estava mesmo?”

“Esse caso é diferente...”

“Obrigado. Essa caso é diferente. Mas vamos por partes.” Danilo projetou o primeiro slide. “Aqui estão os órgãos genitais externos: pênis e saco escrotal. O saco escrotal não tem testículos. O uretograma provou a existência de uma estrutura vaginal. É um caso de contradição entre a morfologia genital externa e a gônada; a biópsia da gônada mostrou tecido ovariano normal. O teste da cromatina, assim como a insuficiente elevação do 17-cesteroide e ausência de depressão pela cortisona, não nos autoriza a dizer, positivamente, que se trata de um caso de hiperplasia supra-renal. Por outro lado, não se trata de um caso de vero hermafroditismo, pois não há demonstração de tecido testicular, conquanto exista o ovariano.”

“Qual o sexo do paciente? Juridicamente?”, Fernando.

“Feminino. Morfológicamente, masculino; gonadicamente, feminino. Psicologicamente, bem, este é o problema que faz o caso diferente: nós não sabemos”, professor Danilo.

“Quantos anos tem o paciente?”

“Nove. Esse é outro problema, dentro do problema. A alteração da genitália através de correção cirúrgica deve ser feita cedo.”

Mírian: *(Devem, mas não fazem. Mas podiam, Danilo podia ter feito. Pergunto por que não fez, não sabia? fugiu da dificuldade, não quis correr o risco da alternativa de decifrar ou ser devorado? Devia lhe dizer isso. Ah, ah! Antes perguntaria – sabe quem eu sou? Lembra-se de mim? Sofre agora, uma parte que seja do meu sofrimento...)*

“Quer dizer que este caso nós poderíamos cirurgicamente fazer um homem ou uma mulher, ou um outro, se quiséssemos?, perguntou Duarte.

“Você formulou a pergunta imprecisamente. Mas sei o que você quer perguntar. A resposta é sim. Se soubéssemos.”

“Como?”

“Digamos que depois de um diagnóstico cuidadoso nós optássemos pelo sexo feminino. Nesse caso, faríamos a amputação pura e simples do pênis e do saco

escrotal. A vagina seria construída. Seria fácil. É mais fácil construir uma genitália feminina do que um apparatus genital masculino. Não é difícil abrimos um orifício perineal e produzirmos uma vagina adequada.”

“E se quiséssemos fazer um homem?”

“Íamos para a laparotomia; estirpávamos útero e ovários. E como o saco escrotal do paciente está vazio, colocaríamos nele dois testículos de matéria plástica. Para fazê-lo feliz. Um homem para ser feliz precisa ter uma genitália normal. Por isso os testículos de plástico, que não permitiriam espermatogênese, mas dariam uma sensação de normalidade.”

“Então era só jogar a moedinha para o ar: cara, mulher, coroa, homem”, Duarte.

“Na medicina você não joga moedinhas para o ar.” (*É um palhaço, Que faço aqui, ensinando esse palhaço? Devo ensinar minha Arte, como quer Hipócrates...?*)

“Você lê muito, já leu Hipócrates?”

“Não está um pouco ultrapassado? E por que não Galeno?” (*Não leu Roux, vem pra cima de mim com Hipócrates.*)

“Galeno também serve. Mas voltando a Hipócrates, que você não leu, ele dizia mais ou menos isso: a medicina, entre todas, é a mais nobre das Artes, mas, devido a ignorância daqueles que a praticam, está atrás de todas as outras. Tais pessoas, diz ele, são como aquelas figuras introduzidas no teatro que têm a forma, a roupa e a aparência pessoal de um ator, mas não são atores; assim, também médicos existem muitos em título, mas poucos na realidade”, professor Danilo.

“Estou de pleno acordo”, Duarte

Fernando: (*O que há com Danilo? Sempre que a Mírian vem ele fica assim, amargo, nervoso, querendo brigar.*)

“Mas não devia”, disse Danilo. (*Não adianta continuar. E terá esse cretino amor pelo trabalho, e a perseverança que permitirão que o ensino, o meu ensino, propicie frutos abundantes? Estarei sendo emocional? Esse sujeito me cansa.*)

“Voltando ao assunto. Esse caso é difícil, porque o paciente tem nove anos e o *gender role* é para nós indefinível. Nós não sabemos o que ele é psicologicamente.”

“O paciente não diz o que ele acha que é?”

“Ele não sabe o que é. O papel masculino ou feminino que a criança assume é alguma coisa adquirida durante o curso de todas as experiências e transações do

crescimento. Chamo a atenção de vocês para as observações da doutora Joan Hampson, num folheto que distribuirei, sobre o *gender role*. O que somos em matéria de sexo inclui o erotismo, mas é mais do que isto: inclui, por exemplo, a roupa, o nome, o corte de cabelo, a postura, o gesto, os maneirismos, afetações, devaneios, ilusões, ambições para o futuro, mas é também mais do que isso. É o que os outros acham que nós somos; é aquilo que nós achamos que somos – e é, ainda, mais do que isso. Algo impresso irreversivelmente, e que nós precisamos descobrir, pois o ser humano não pode viver com essa contradição que vemos no nosso paciente. Existe a contradição social, moral, a de caráter: a essas o homem sobrevive sem maior vicissitude. Essa matéria de sexo – esta palavra é semanticamente imprecisa mas não há outra – o ser precisa ser definido.”

“O que é preciso para um homem ser feliz, neste aspecto?”, Fernando.

“Ter um falo adequado; acreditar que é homem; acreditar que os outros acreditam que ele é homem; ter orgasmo, e, mais importante, acreditar que pode fazer uma mulher ter orgasmo.”

“E uma mulher?”

“Ter uma genitália adequada; acreditar que é mulher; e acreditar que pode, ou poderia, ter filhos.”

“Quer dizer que para ser feliz o ser humano precisa estar em paz com suas ilusões?”, Duarte.

“Precisamente”, Danilo.

“Mírian: *(E quem não tem ilusões? Para com elas viver em paz ou em guerra? E quem não tem dúvidas por falta de certezas?)*

“Ser macho e fêmea instantaneamente é impossível, se não se é personagem de mitologia grega – e aí só se verifica o aspecto erótico da dualidade – ou então ostra, ou *drosófila melanogaster* –”

“Onde o erotismo não se verifica”, Duarte.

“É”, Danilo. *(O taquipsiquismo desse cara vai empulhar muita gente; pensarão que é inteligência. A minha paciência se esgota; estou ficando velho; crio cismas, preconceitos? Fico cada vez mais cômico de minha ignorância e isso me desagrada. Mas não desagrada, quando descobri isso, até gostava e dizia: quanto mais se sabe menos se sabe, repetindo outros que, porém, como eu, na verdade diziam: eu sei muito, ainda falta alguma coisa, mas chego lá. Não chego; nem sei o que falta, ao certo; nem sei aonde chegar. Queria ficar quieto, num canto, pensando*

sem descobrir coisa alguma; nada de diagnósticos, comunicações à Academia, nada de cumprir meu papel sociométrico. E meus filhos? Esses estranhos a quem estamos presos pela inércia do hábito. O ajudante do consertador de televisão me comunica que teve um filho e eu, dentro deste contexto de erros e equívocos – a posse da televisão, e, ainda pior, o conserto da televisão -, lhe pergunto se ele preferia menino ou menina, e o sujeito me responde que queria um filho; e eu pergunto por que e ele diz que um filho é melhor que uma filha, que o filho continua a obra do pai.)

“Já que tem de ser uma coisa, o que o senhor decidiu que ele vai ser?”, Duarte.

“Ainda não sei. Alguma coisa tem de ser feita. Alguma coisa tem sempre de ser feita”, Danilo.

“Como é que o paciente se veste?”, Fernando.

“Como mulher.”

“A convenção jurídica...”

“Mas urina em pé.”

“Ah...”

“Seus cabelos são longos...”

“Ainda a convenção jurídica.”

“...mas ele sonha que é homem...”

“Ah...”

“... mas nos seus sonhos não existem mulheres, nem outros homens, só ele, e se parece com o Moisés de Michelangelo, cuja figura viu num livro de sua casa.”

“Com barbas e tudo?”

“Tudo.”

“Interessante...”

“Tem medo de raios e trovões. Mais de trovões... Não brinca com bonecas, nem revólveres. Gosta de ler.”

“O quê?”

“Sabatini, Delly, Karl May; mistura Tarzan com a filha do Dono do Circo. Lê muito. Não tem amigos ou amigas. É um ser quieto e tímido.”

“E os pais?”

“Deixam-no em paz e ele, ela, o paciente, não incomoda ninguém. É obediente.”

“Foi examinado por psiquiatras?”

“Eles dizem que não há nada de errado com o paciente, a não ser um certo excesso de introversão. Isso hoje. Temem o futuro, no entanto. Mas nada decidem, fazem hipóteses, pulam de Freud para Horney para Adler, e no fim querem saber o que diz o laboratório, o homem das lâminas. Queriam ter tempo, observar mais, mas não há tempo; no caso, o tempo é um inimigo, um veneno para o ser humano. O medo é um veneno, e o ódio, e a frustração e a dúvida, e a estricina. Mas o pior de todos os venenos – sempre – é o tempo. Estou parafraseando Emerson.”

“Duarte: *(Não citaria Sartre nunca. Conheço esse tipo de pessoa. Só acredita nos clássicos, os clássicos sobreviveram, passaram o Grande Teste. Quantos anos são necessários? Cinquenta? Einstein fica de fora. Cem? Freud fica de fora. Duzentos? Fora Kant. Trezentos? Isaac Newton riscado. Quatrocentos? Descartes sem chance. Onde é que eles param? Nos gregos.)* Duarte sorriu. *(Eu também tenho uma cultura clássica. Hum, só sei nomes e datas, mas não tem importância, todo mundo só sabe nomes e datas, e epígrafes.)*

“Ainda falta alguma coisa para o senhor decidir?”

“Depende da definição, que ainda não sei fazer. Passamos a vida fazendo definições: eu, você, e você, você – *(Mírian)*. Definimos todas as coisas, definimos o bem e o mal, o falso e o verdadeiro e achamos que somos livres porque podemos definir. Mas ocorre que somos obrigados a definir e porque somos obrigados a definir não somos livres. Essa definição, quanto ao paciente, eu não sei fazer, mas acabarei fazendo-a e direi que não há dúvidas de que se trata de um homem, vamos destruir suas características femininas. Ou vice-versa.”

Fernando: “Tudo que existe tem uma razão de ser. E se nada fosse feito?”

Mírian: *(O nada já foi feito. Pensa, Danilo, você já esqueceu? Tem tantas marcas assim o meu rosto que você já não vê aquela – aquele – aquilo?)*

“Se não sabemos o que fazer, nada devemos fazer”, Fernando.

“Mas temos que saber.”

“Sim. Mas na hipótese de não sabermos é melhor não decidirmos.”

Danilo: “Isto é antiinteligência, anti-homem.” *(E também o descanso, o meu desejo fundo, que minha hipocrisia esconde.)*

Mírian, o lápis inteiramente mordido, a sensação de quem rasteja por um túnel negro apertado de ar rarefeito: *(Depois de nove meses de vômitos, dores nas costas, desconforto, depressão, cistite, hemorróidas, ecolalia, algolagnia, a última*

angústia: medo. O da mãe, o do feto, uma passando o medo para o outro; o do feto o grande medo de todos; medo da vida. O da mulher, o medo da morte, vai crescendo insuportável como o de alguém que se afoga – mas a mulher é dura: e ocorre o alívio, feito de libertação e rejeição, como se o feto fosse fezes há longo tempo reprimidas, como uma luz rompendo o duro invólucro de escuridão que a envolvia, provando a crueldade do ser contra o ser, a solidão de todos. Menino ou menina? Galeria Uffizi. A Sala dell’Ermafrodita: reclinado, de olhos fechados, Hermafrodita sonha; seu rosto de cisne deita-se sobre o braço, seu corpo apóia-se sobre o joelho da perna esquerda, ligeiramente encolhida. As pernas, e o torso e as nádegas são feitos de frescor e imortalidade, chegam a ter paladar e som: de sua mãe Afrodite. De seu pai Hermes: um falo macio, adormecido. On voit dans le Musée antique, sur un lit de marbre sculpté, une statue énigmatique d’une inquietante beauté. Est-ce un jeune homme, est-ce une femme? Une déesse ou bien un dieu? L’Amour, ayant peur d’être infâme, hésite et suspend son aveu. Uma cópia do original de Póicles, diz o guia. Me olha: saberá? Menino ou menina? O que dirão para mãe, que começa a ficar me paz com o que jogou fora, o corpo estranho que expeliu do seu corpo? Ela quer saber. Vamos, Danilo, diga. Diga – não sei, e eles, pai e mãe, que armem o seu segredo; só deles, uma cumplicidade de crime abominável. Dentro do quarto trancado, como se escondendo um cadáver esquartejado numa mala, a mãe muda a fralda do, da, oh! Meu Deus.) O horror se abate sobre o coração de Mírian.

“Uiiiiii!” O gemido de Mírian arrepiou os cabelos de Danilo. A sala ficou em silêncio, todos imóveis inclusive Mírian, que deitou a cabeça sobre os braços e, em outras circunstâncias pareceria estar dormindo.

Danilo põe os slides rapidamente numa caixinha. Suas mãos tremem. Ele chegou a uma decisão, e tem pressa.

ANEXO C – Conto *Família*

Ernestino e Dora se casaram dispostos a dar ao mundo muitos filhos. Planejavam ter três meninos e duas meninas, mas não se incomodariam se fossem quatro meninas e um menino, desde que o primeiro a nascer fosse do sexo, masculino.

Dora morreu ao dar à luz uma menina, cujo nome veio a ser também Dora. Todos pensavam que Ernestino se casaria novamente, ele era um homem bonito, herdara do pai uma empresa e ampliara os negócios, um bom partido para qualquer mulher, mesmo tendo uma filha pequena para criar. Agindo como bons alcoviteiros, os casais amigos, convictos de que Ernestino devia se casar novamente, afinal a pequena Dora precisava de uma mãe e ele, cedo ou tarde, necessitaria do carinho de uma mulher, se revezavam apresentando ao viúvo jovens mulheres prendadas e virtuosas. Mas Ernestino não se interessava por nenhuma delas e o tempo foi passando até que os amigos, percebendo que Ernestino jamais se casaria novamente, desistiram de seus propósitos casamenteiros.

Quando Dora fez seis anos, Ernestino, assoberbado pelos seus negócios que não paravam de crescer, matriculou a menina num colégio interno de freiras. Dora se lembra do primeiro dia em que foi para o colégio. Eles subiram a serra de carro num dia de forte neblina, que escondia os morros e até mesmo as ruas por onde trafegavam. O pai comprara vários sacos de balas para ela e Dora fizera a viagem se deliciando com aquelas guloseimas. No carro o pai lhe mostrara uma pequena mala, dizendo que ali estava o seu enxoval, as roupas que usaria no colégio. Ernestino, apesar de fazer a viagem mais calado do que o seu normal, parou duas vezes no acostamento da estrada para abraçar e beijar a filha. Tudo isso a deixara muito feliz.

Quando chegaram, depois de uma hora e meia de viagem, Dora já havia chupado todas as balas. O colégio era um edifício, que lhe pareceu imenso, bonito e um pouco assustador. Foram recebidos por duas freiras uma a madre superiora, velha e de aspecto majestoso, e outra, mais jovem, que seria a orientadora e mestra de classe de Dora. A freira mais jovem convidou Dora para ir até a janela ver as árvores e os jardins. Enquanto ela contemplava o arvoredo coberto de neblina, o pai e as freiras conversaram em voz baixa. Em seguida, o pai depois de abraçá-la com

tanta força que a deixou sem fôlego, disse que ia comprar mais balas, foi embora e não voltou. Era um domingo e Dora só o veria novamente no domingo seguinte.

Os primeiros dias foram terríveis. Dora se sentia abandonada e chorava sem parar. Ela dormia num grande salão com outras meninas da sua idade. Sua roupa íntima — calcinhas largas de algodão, que com o tempo alargavam ainda mais, e camisolões de manga comprida fechados no pescoço (ela só usaria sutiã, também de algodão, anos depois) — era guardada numa mesinha alta de cabeceira, e os uniformes ficavam dependurados num cabide comprido numa das paredes. A freira orientadora reunia diariamente as meninas para uma preleção em que falava em Deus e na Caridade. Ela tratava Dora com muito carinho, ainda mais porque a menina sofria de asma, agravada pelo clima úmido da cidade. Depois de algum tempo, Dora parou de chorar diariamente. Chorava apenas aos domingos, quando o pai ia vê-la.

Mas ela não demorou muito a gostar do colégio. Na hora de dormir, sob os cobertores de lã que a aqueciam, Dona criava uma vida só dela, feita de fantasias inocentes. Até mesmo o carrilhão da torre da igreja, que soava a cada quinze minutos, era ouvido com prazer. Às quinze para as seis da manhã, a freira que pernoitava com elas no dormitório caminhava entre as camas tocando uma sineta de mão e dizendo, *sursum corda* e as meninas acordavam murmurando, *habemus ad dominum*. Dora, que fora criada sem qualquer disciplina por um pai ausente e babás displicentes, apreciava os cerimoniais do colégio. Vestidas em seus uniformes de saia azul-marinho presa por tiras largas cruzadas no peito e nas costas, blusa azul-clara, sapatos pretos e meias brancas, as meninas, quando encontravam uma freira nos corredores, tinham que parar de pés juntos, unir as duas mãos e cumprimentar com a cabeça. Caso fosse a madre superiora ou a diretora do colégio deviam parar, se estivessem andando, ou levantar-se, se estivessem sentadas, e fazer uma reverência, que consistia em juntar os dois pés, encostar o calcanhar do pé direito no pé esquerdo, girar a ponta do pé direito, para o lado e, após colocar horizontalmente a palma da mão, direita sobre a palma da mão esquerda, flexionar ligeiramente os joelhos. Dora sentia-se bem fazendo essa mesura e ficava feliz quando, por qualquer motivo, encontrava uma dessas freiras graduadas. Os rituais do colégio — notadamente as orações em latim ou em francês, e os cantos gregorianos acompanhados pelo órgão, dos quais todas as alunas participavam nas

missas dos domingos — possuíam um esplendor que deixava Dora encantada e fascinada. Mas sempre que pensava no pai, ela sentia muita saudade e ficava triste.

As alunas tomavam banho em boxes abertos, vestidas com uma camisola de algodão sem mangas e sem gola. Quando terminavam, uma freira colocava uma toalha aberta na frente do boxe para a aluna poder tirar a camisola e se enxugar sem que a sua nudez fosse vista; depois a aluna punha um roupão e subia para o dormitório, se curvava ao lado da sua cama e vestia meio escondida o uniforme. Era um procedimento trabalhoso e desconfortável que Dora e muitas meninas realizavam, porém, com boa vontade. Uma vez por semana, no dormitório, toda menina sentava-se num banco à frente de uma freira, que lhe passava meticulosamente pela cabeça um pente fino. Não havia piolhos naquele internato.

No colégio Dora conheceu Eunice, que se tornou a sua melhor amiga. E à medida que cresciam — as duas ficaram todo o primário e o ginásio no mesmo colégio interno — se tomaram mais íntimas. Sempre que possível ficavam de mãos dadas, cochichando e rindo. As freiras chamavam tal comportamento de bêtise e procuravam contê-las, mas sem recriminá-las por isso. Eunice era órfã, e quem a visitava nos domingos era um guardião que a tratava com um carinho artificial. Eunice e o seu guardião se agrupavam com Dora e o pai, nos domingos e também nos dias em que as alunas tinham permissão para sair do colégio, em companhia dos responsáveis, para passear em Petrópolis. Quando o curso ginásial terminou elas se abraçaram chorando e disseram que nunca deixariam de se amar.

Dora e Eunice cursaram o colegial em estabelecimentos de ensino diferentes. Vieram a se reencontrar na faculdade de direito, anos depois, e reataram com o mesmo vigor a amizade de antes. Abriram um escritório e advogavam juntas causas pertinentes ao direito da família. Dora às vezes ia dormir na casa de Eunice, ainda que Ernestino reclamasse carinhosamente do fato de a filha deixá-lo sozinho com a empregada. Ele sentia-se doente e planejava se afastar dos negócios. O seu sonho era ver a filha casar e lhe dar um neto homem, que com o tempo assumisse os negócios e continuasse a tradição da família.

Mas Dora, que se tornara uma mulher de grande beleza, recusava todos os seus pretendentes, que eram muitos. Saía com eles, ia jantar fora, ia ao cinema, mas, muito recatada, evitava qualquer intimidade com esses homens, nem mesmo permitia que a beijassem. Um dia o pai a chamou para ter com ela o que chamou de uma longa conversa. Ernestino disse à filha que estava indicando um dos seus

antigos funcionários para assumir o comando dos negócios, pois estava se sentindo cada vez mais fraco e o seu médico, depois de um rigoroso exame, diagnosticara uma doença neurológica progressiva que dentro de alguns anos, não sabia quantos, o levaria à morte. E ele não queria morrer sem ver a sua filha casada e sem ter a suprema alegria de ter um neto. Ernestino disse isso com voz emocionada, segurando na mão da filha. Me promete, ele pediu, assim eu morrerei em paz. Dora prometeu, mas pediu algum tempo para realizar o desejo do pai.

Nesse dia Dora foi dormir com Eunice. A amiga mandara fazer calças largas de algodão iguais às que usavam no colégio de freiras, e que não existiam para ser compradas nas lojas. Vestidas apenas com essas calças, que apesar de toscas, ou talvez por isso, tornavam ainda mais atraentes os seus corpos delgados, as duas fizeram amor com um ardor muito intenso. Isso sim, é bêtise, disse Eunice, e as duas riram muito. Depois, Dora contou a Eunice a conversa que tivera com o pai, acrescentando que ele estava cada vez mais obstinado em seu desejo de vê-la casada e ter um neto. As duas permaneceram o resto da noite tomando vinho branco e falando desse assunto, e da frustração de não poder morar na mesma casa, acordar juntas, cozinhar, viajar, viver juntas o tempo todo das suas vidas, serem as duas uma família.

Ernestino agora precisava de uma cadeira de rodas para se locomover e um enfermeiro foi contratado para tomar conta dele. O médico disse que com cuidados adequados Ernestino poderia viver alguns anos, mas que a sua doença infelizmente não tinha cura, o que Dora podia fazer era lhe propiciar a melhor qualidade de vida possível, num ambiente tranqüilo de amor. O passatempo preferido de Ernestino, em casa ou quando ele saía com Dora em sua cadeira de rodas para passear na praça, era interrogar a filha sobre os seus pretendentes e escolher o nome que o neto teria.

Dora participava dessas conversas tentando, manter a mesma paciência dos seus tempos de colégio interno, mas não conseguia deixar de se sentir exausta e infeliz, pois o pai sempre terminava a conversa dizendo que apenas esperava ela se casar e ter um filho para morrer em paz.

Após cada uma das suas cada vez mais raras noites de bêtise as duas amantes sempre voltavam a esse tema, como conseguir que Ernestino morresse em paz. E a maneira de resolver esse delicado e angustiante problema era sempre a mesma, uma solução final, por elas considerada um gesto de amor absoluto. A morte era sempre uma bênção para os doentes desenganados.

O enfermeiro precisava tirar umas férias e em vez de contratar um outro Dora disse que ela mesma cuidaria do pai. Ernestino se emocionou com o desvelo da filha, que passava os dias e as noites ao seu lado. E também estava muito feliz, pois Dora prometera que assim que o pai melhorasse um pouco ela se casaria e teria um filho.

Transcorrido um mês, Ernestino morreu de uma súbita insuficiência respiratória. O médico confirmou que aquela era mesmo uma doença insidiosa de difícil prognóstico. No enterro Dora e Eunice choraram muito. O sofrimento de Dora foi tão grande que ela teve que ser internada num hospital para se recuperar.

Depois, Dora e Eunice foram morar juntas e adotaram um menino a quem deram o nome de Ernestino. O menino cresceu e as pessoas, os novos amigos que elas fizeram, diziam que ele era a cara da mãe.

ANEXO D – Conto *Gordos e magros*

Frequento diariamente a Chocolaterie (o nome verdadeiro da loja é outro). Este texto não é ficcional, ou seja, uma narrativa imaginária, irreal, produto da minha imaginação. A única coisa inventada é a palavra Chocolaterie, o resto é tudo verdade. Sei, como disse Adorno, que é muito difícil decidir o que seja, objetivamente, verdade, mas isso “não deve nos aterrorizar”. Os conceitos de subjetivo e objetivo inverteram-se por completo (ainda é Adorno quem fala). Confuso? Qual filósofo que não é confuso?

Mas vamos voltar à Chocolaterie. Costumo sentar-me em uma das suas mesas para tomar uma pequena xícara de chá do delicioso chocolate que servem enquanto contemplo a clientela. A maioria consiste em mulheres gordas ou que estão engordando. E todas compram chocolates. Não há dúvida de que para elas o chocolate é libidinoso, lúbrico, voluptuoso, estimula-lhes o hipotálamo, induzindo sensações prazerosas e elevando o nível de serotonina. O problema é que a serotonina em excesso pode ser convertida em melatonina que, por sua vez, reduz a libido. Finalmente, o chocolate tem substâncias que podem ativar receptores canabinoides, o que causa sensações de sensibilidade e euforia. Dar chocolates de presente é um ritual de corte muito comum.

Vocês perdoem a minha tendência a dar explicações sobre todos os assuntos, mas é que sou professor, e temos esse vício, de esclarecer, explicar, ensinar.

Não mencionei que sou professor de uma escola de segundo grau, dessas que não reprovam ninguém, basta o aluno pagar a mensalidade em dia que ele é aprovado, mesmo sendo um semianalfabeto, como a maioria deles. Um dia pedi: quem já tiver lido um livro levante a mão. Ninguém levantou a mão. Alguns tinham acesso à internet, mas só para verem o Youtube e coisas do gênero. A maioria fumava maconha.

Enfim, contemplo fascinado o corpo daquelas chocólatras. As nádegas cada vez mais globulosas, a pneumaticidade chocante das cinturas (desculpem esse tropo, mas, como eu já disse, sou professor), as esfericidades agressivas dos seios, os grossos braços cheios de celulite. Ficava imaginando como seriam as coxas delas: um horror.

Até que um dia entrou uma mulher muito bonita, magra. Pediu uma xícara de chocolate. As mesas estavam todas ocupadas e eu convidei-a para sentar-se comigo. Ela aceitou dizendo que gostava de tomar o seu chocolate de maneira confortável.

Meu nome é Jéssica

O meu é Leandro. Você come muito chocolate?

Muito, diariamente, ela respondeu. Sofro de uma síndrome do pânico, e o remédio para isso, no meu caso, é comer chocolate. Você sabe o que é síndrome do pânico, não?

Pontifiquei: claro, essa síndrome é uma espécie de preparação do organismo para algo desagradável. A reação natural é a fuga, alguns não conseguem levantar da cama. Em certos casos há uma liberação maior de adrenalina o que provoca alterações fisiológicas com aumento das frequências cardíaca e respiratória.

Isso mesmo, há ocasiões em que eu não consigo sair da cama. Tenho que comer chocolate, umas duas barras pelo menos, então consigo me levantar para ir trabalhar.

Você trabalha em quê?

Sou arquiteta

Interessante. Eu sou professor. De ciências. Qual é o segredo da sua magreza? Hipertireoidismo? Alguma disfunção da glândula hipófise?

Não, minha tireoide é perfeita. E creio que também as minhas glândulas. Eu faço pilates, três vezes por semana, e provavelmente possuo um sistema metabólico deficiente.

Isso é possível, respondi.

Passamos a tomar juntos, diariamente, nossa xícara de chocolate. Depois fazíamos nossas compras. Em seguida, separávamo-nos, cada um indo para o seu lado.

Não demorou muito para que eu me apaixonasse por ela. Não olhava mais para as mulheres gordas que freqüentavam a Chocolaterie. Eu sempre chegava antes e ficava olhando para a porta de vidro à espera de Jéssica. Ela andando era ainda mais linda. Eu sempre deixava que ela saísse na frente. Já explico a razão.

Um dia eu lhe disse:

Jéssica, estou apaixonado por você.

Ela olhou-me com surpresa.

Não sei o que dizer. Ela deu um suspiro. Preciso lhe confessar uma coisa...

Mas nada confessou. Disse, saindo apressadamente da mesa, tenho que ir embora.

Não a vi mais na Chocolaterie. Soube, pelas atendentes, que ela estava indo em outro horário e sempre que chegava espiava dissimuladamente o salão, certamente para se assegurar de que eu não estava presente.

Aquele suspiro dela não saía do meu pensamento. Era como se ela de repente descobrisse que eu era o mexicano Manuel Uribe! Vocês sabem quem é ele, o homem mais gordo do mundo, pesava uns tempos atrás cerca de 560 – quinhentos e sessenta! – quilos. Eu peso apenas 140. Sim, eu sei que andava como um pinguim e era uma pessoa... digamos, rotunda, por isso deixava sempre Jéssica sair na frente. Jéssica dissera, tenho que lhe confessar uma coisa, e eu sabia o que ela queria dizer e não tinha coragem: você é muito gordo, eu não posso namorar uma pessoa assim.

Preciso emagrecer, pensei.

Fui ao médico.

Quero emagrecer metade do meu peso em pouco tempo, eu disse ao médico, dr. Alexandre.

Vou ser franco, respondeu o médico, para um homem gordo como o senhor emagrecer rapidamente só existem dois processos. O balão intragástrico e a cirurgia bariátrica.

Pedi-lhe explicações.

O balão intragástrico é uma prótese de silicone na forma de um balão que é colocado por endoscopia, insuflado com soro fisiológico e corante, projetado para ter o seu volume ajustado individualmente dentro do seu estômago. É um tratamento temporário e o balão deve ser retirado no prazo máximo de seis meses. O balão inflado dentro do órgão ocupa um espaço que seria do alimento, diminuindo assim a fome e facilitando a adaptação a uma dieta hipocalórica, associada à mudança de estilo de vida, incluindo exercícios físicos.

Um balão dentro do estômago? Alguém faz isso?

Mais gente do que o senhor pensa. O senhor supõe que essas pessoas que perderam trinta, quarenta quilos em pouco tempo, foi através de uma dieta alimentar? Foi balão ou a cirurgia bariátrica.

E o que é isso?

É uma gastroplastia. Existem várias técnicas. Numa, o estômago que tem capacidade para cerca de dois litros é seccionado com um grampeador cirúrgico de maneira a se obter um novo estômago com a capacidade extremamente reduzida. Uma alça intestinal é anastomosado ao novo estômago para permitir a saída e a absorção dos alimentos, é chamada de anastomose gastrojejunal. Não se esqueça de que o emagrecimento acentuado do paciente sempre requer cirurgias plásticas para a retirada do excesso de pele. O paciente pode apresentar diarreia ao ingerir alimentos gordurosos e ter desnutrição proteica, mas isso pode ser remediado. Eu simplifiquei o máximo possível, para o senhor entender.

E o que o senhor aconselha?

O balão intragástrico, como lhe disse, tem que ser retirado no prazo de seis meses. A gastroplastia é pra sempre.

Escolhi a gastroplastia.

Alguns meses após a cirurgia bariátrica eu havia perdido sessenta quilos e vivia com diarreias, o que ajudava no meu emagrecimento. Estava horrivelmente pelancudo e tive que me submeter a inúmeras cirurgias plásticas. Olhava no espelho os meus oitenta quilos e me considerava um magrelo. Concluí que poderia voltar à Chocolaterie.

Depois de muitos dias consegui encontrar Jéssica. Ela elogiou minha nova silhueta e beijou meu rosto. Eu estava felicíssimo. Então entrou na Chocolaterie uma mulher muito bonita, um pouco mais velha do que Jéssica. A mulher se chamava Íris.

Jéssica segurou a mão de Íris carinhosamente e disse:

Íris é a minha namorada. Lembra-se daquele dia em que eu lhe disse que tinha que lhe confessar algo?

Sim, lembro-me muito bem.

Era a minha paixão por Íris. Mas achei que você não iria entender...

Jéssica, Jéssica, entendo perfeitamente e desejo muita felicidade para vocês. Eu não sou homofóbico. Na verdade, tenho um solene desprezo pelas pessoas que o são.

Que bom, disse Jéssica. Eu quero continuar sendo sua amiga. Senti saudades das nossas conversas.

E eu não me incomodo de você ser apaixonado pela Jéssica. Ela merece a paixão de todos nós, disse-me Íris, beijando-me no rosto.

Eu não queria deixá-las por um minuto sequer, estava feliz na companhia daquelas duas belas mulheres. Feliz, porém frustrado. Dois sentimentos conflitantes. Não estava feliz porra nenhuma.